

**PARTICIPAÇÃO DAS COOPERATIVAS DE CAFEICULTORES NA COMERCIALIZAÇÃO DO CAFÉ
NO ESTADO DE SÃO PAULO**

Roxana M. Moraru Topel, Irene J. Einhorn Goldenberg e Arthur A. Ghilardi

Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Agricultura

Instituto de Economia Agrícola



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Agricultura
Instituto de Economia Agrícola

**PARTICIPAÇÃO DAS COOPERATIVAS DE CAFEICULTORES NA COMERCIALIZAÇÃO DO CAFÉ NO
ESTADO DE SÃO PAULO**

**Roxana M. Moraru Topel
Irene J. Einhorn Goldenberg
Arthur A. Ghilardi**

São Paulo
1980

ÍNDICE

1 - INTRODUÇÃO	1
1.1 - Histórico	2
1.2 - Metodologia	4
2 - APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS SEGUNDO OS ESTRATOS DE TAMANHO	5
2.1 - Características das Cooperativas Seleccionadas	5
2.1.1 - Estrutura de distribuição	5
2.1.2 - Tradicionalidade	6
2.1.3 - Distribuição do quadro social	7
2.1.4 - Filiação às cooperativas centrais	9
2.1.5 - Linha de produto	9
2.1.6 - Linha de serviços para comercialização	11
2.1.7 - Capital social	11
2.1.8 - Receita total	14
2.2 - Fluxo de Comercialização	14
2.2.1 - Volume de café entrado na cooperativa	14
2.2.2 - Volume de café saído por agente receptor	18
2.3 - Modalidades de Entrada e Saída do Café	20
2.3.1 - Modalidade de entrada do café	22
2.3.2 - Modalidade de saída do café	22
2.4 - Preços Médios	23
2.5 - Conclusão	26
3 - APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS SEGUNDO AS REGIÕES AGRÍCOLAS DO ESTADO DE SÃO PAULO	28
3.1 - Área de Ação das Cooperativas	28
3.1.1 - Principais aspectos de área	28
3.1.2 - Localização das cooperativas de cafeicultores	33
3.2 - Resultados	37
3.2.1 - Organização do mercado segundo a oferta de produção, de produtores e de condições locais	38
3.2.2 - Volume total de entradas de café nas cooperativas nas principais regiões produtoras	42
3.2.3 - Volume médio de entradas de café por estabelecimento nas principais regiões produtoras	44
3.2.4 - Número médio de sócios ativos	44
3.2.5 - Volume médio de entradas de café por associado	47
3.2.6 - Diversificação da área de ação das cooperativas	47
3.2.7 - Área de mercado das cooperativas	48
3.3 - Resumo e Conclusões	60
LITERATURA CITADA	62
RESUMO	64

PARTICIPAÇÃO DAS COOPERATIVAS DE CAFEICULTORES NA COMERCIALIZAÇÃO DO CAFÉ NO
ESTADO DE SÃO PAULO

Roxana M. Moraru Topel
Irene J. Einhorn Goldenberg
Arthur A. Ghilardi

1 - INTRODUÇÃO

O presente estudo originou-se do subprojeto "Comercialização do Café no Estado de São Paulo" (1) com a finalidade de proporcionar uma visão integrada dos canais de comercialização do café.

GOLDENBERG et alii (5) constatou que os maquinistas praticamente dominam a etapa inicial da comercialização do café, tendo captado 74,9% e 81,7% da produção paulista de café, das safras 1974/75 e 1975/76, respectivamente, comercializadas pelos produtores, até os meses de novembro de 1975 e de 1976. Em segundo lugar vêm as cooperativas, através das quais, nestes mesmos períodos, foram comercializados 6,7% e 10,2% da produção paulista. O restante foi comercializado através de intermediários não identificados e pelo Instituto Brasileiro do Café (6).

Neste estudo, procurou-se avaliar e caracterizar a organização e o desempenho das cooperativas de cafeicultores do Estado de São Paulo, na comercialização do café junto ao produtor.

Na primeira parte, foram analisados os resultados da pesquisa efetuada junto às cooperativas de cafeicultores, para o período 1973-75. Estas foram agrupadas em estratos de tamanho de acordo com o volume médio de entra

(1) Subprojeto integrante do projeto IEA-10 "Economia Cafeeira", executado pelo Instituto de Economia Agrícola da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, sob os auspícios do Convênio IEA/BADESP. Contou com a colaboração do Departamento de Assistência ao Cooperativismo na aplicação dos questionários junto às cooperativas específicas de café e com a coordenação de Minoru Matsunaga.

das de café analisando-se suas características segundo a distribuição por es trato, tradicionalidade, quadro associativo, filiação, linha de produtos e serviços, capital social e receita total. Ainda nesta parte foram analisados os resultados do processo de comercialização através do fluxo do produto e preços médios de venda.

1.1 - Histórico

O movimento cooperativista surgiu no Brasil no início do século e foi regulamentado em 1932 pelo Decreto Lei nº 22.239 de 19/12/1932. Entretanto, no setor específico da cafeicultura, o cooperativismo principiou seu desenvolvimento no final da década de 1950.

O tardio aparecimento das cooperativas de café explica-se pelas próprias características das atividades relacionadas com a produção e o comércio do café:

- a produção se desenvolvia num regime de exploração extensiva da terra; e

- era um produto de exportação que proporcionava elevados ganhos, possibilitando aos produtores serem auto-suficientes em suas propriedades e custear a organização da produção e da comercialização que se realizava nos principais portos exportadores.

Em países em desenvolvimento, o cooperativismo surge por iniciativa do governo e se torna instrumento para a realização de planos de desenvolvimento, pois o agricultor dificilmente toma esta iniciativa (4). "No Brasil, a cooperativa foi um movimento que partiu de cima para baixo, ou seja, através da iniciativa oficial. Isto porque, o governo reconheceu a necessidade de uma evolução no setor primário, para acompanhar ou diminuir a diferença entre os setores da economia e para isso aceitou-se que um fator de desenvolvimento da agricultura encontrava-se na Cooperativa" (6). De fato, o primeiro surto cooperativista do café teve início com o "Plano Cafeeiro", estabelecido pelo Governo para a safra 1955-57, que preconizava uma política cafeeira, cujo objetivo era manter uma posição de destaque no mercado mundial do café, através da redução dos custos de produção e comercialização, e melhoria na qualidade do produto. Os produtores reconheceram a necessidade de se associarem a este tipo de estabelecimento com o objetivo de obter melhor qualidade do café por zona de produção, adquirir maquinaria moderna, re

duzir despesas e ter melhores condições de criar mercado externo (6).

Portanto, foram fatores de ordem estrutural e conjuntural que condicionaram o surto cooperativista de cafeicultores no Brasil, principalmente no Estado de São Paulo a partir de 1957.

Em meros de 4 anos, entre 1957 e 1960, verificou-se uma expansão na atividade cooperativista, tendo aumentado de 7 para 31 o número de cooperativas, com o total de produtores participantes evoluindo de 1.074 para 3.592, ou seja, o equivalente a um incremento de 234% (quadro 1).

O surto cooperativista continuou até 1964, através de incentivos financeiros e fiscais, destinados especificamente para investimentos em instalações de máquinas de benefício, rebenefício e outras etapas de melhoria do produto e também em instalações de interesse dos associados.

Entretanto, a partir de 1964, o Governo passa a se conscientizar da fraqueza das cooperativas existentes e começa a desenvolver uma política sistemática que leva ao cancelamento da autorização de financiamento de muitas cooperativas. Em 1966, passa a vigorar a principal modificação tributária, que é a alteração do Imposto de Vendas e Consignações (IVC) em Imposto de Circulação de Mercadorias (ICM). Através desta modificação tributária, a cooperativa foi colocada em igualdade de condições com os demais comerciantes, que entretanto dispõem de maior flexibilidade no tocante a preços. Na primeira operação de venda, o produto era isento da taxaçoão do ICM, e por ocasião da segunda operação, que seria a comercialização da produção pela cooperativa, havia a taxaçoão a qual recaia sobre o associado produtor.

Muitas cooperativas não resistiram às modificaçoões, que resultaram numa queda brusca do volume de comercializaçoão, tendo que dissolver-se, fundir-se ou permanecer inativa.

Em consequência, desde 1966, além de não se registrar a fundaçãoo de novas cooperativas de cafeicultores, o número das existentes, que era de 37, foi diminuindo até chegar a 24 em 1975.

Apesar da diminuiçoão do número de cooperativas, registrou-se um aumento no número de produtores associados e, portanto, ampliou-se o poder de atuação das cooperativas como captadoras de café. Entre 1957 e 1975, o número médio de associados por cooperativa aumentou gradativamente de 153 para 623, constatando-se uma evoluçoão na atuação das cooperativas de cafeicultores na comercializaçoão do café, uma vez que o aumento do número médio de associados por cooperativa deveria refletir-se num aumento do potencial da captaçoão de café e de serviços prestados (quadro 1).

De toda forma, mais adiante será feita uma análise mais detalhada

QUADRO 1 - Evolução das Cooperativas de Cafeicultores no Estado de São Paulo

Ano	Cooperativa existente	Produtor associado	Média de associados por cooperativa
1975	7	1.074	153
1960	31	3.592	116
1964	47	6.688	163
1970	28	9.965	356
1975	24	14.964	623

Fonte: DAC e Anuário Brasileiro Cooperativista-Estado de São Paulo 1961 (3), (1) e (9).

dessa atuação, para o período 1973-75, onde será considerado o grau de participação dos sócios ativos no quadro social.

1.2 - Metodologia

A análise fundamentou-se numa seleção baseada na população de cooperativas cadastradas no Departamento de Assistência ao Cooperativismo, como sendo específicas de café nos anos de 1975 e 1976.

As cooperativas específicas de café se caracterizam por serem do primeiro grau, locais ou regionais, com área de atuação restrita aos limites do Estado de São Paulo e com denominação nos registros da DAC de Cooperativas de Cafeicultores.

Foram excluídas deste estudo as Cooperativas Mistas e as Cooperativas Centrais; as primeiras por comercializarem uma linha de produtos variada, onde o café participa em pequena escala e as demais por não constituírem o único elo de ligação com produtor estadual, uma vez que comercializaram a produção de vários estados.

Os registros do DAC permitiram identificar um total de 24 cooperativas específicas atuantes no Estado de São Paulo. Com base neste rol procedeu-se à elaboração e posterior aplicação de questionários pelo sistema de

entrevistas diretas, preferencialmente junto aos dirigentes desses estabelecimentos nas unidades sede.

De posse das informações, limitou-se à análise dos resultados a 18 estabelecimentos, dado que três unidades tiveram suas atividades quase que paralisadas (sem entrada de café), uma encontrava-se sob intervenção, outra foi incorporada durante o período da análise e uma negou-se a prestar informações.

O desenvolvimento do trabalho dividiu-se em duas partes: a primeira voltada para a Comercialização, considerando-se as principais características e resultados obtidos conforme o volume médio de café entrado por estabelecimento, e a segunda, voltada para os aspectos analisados por região.

Para efeito de caracterização, foram definidos três estratos de tamanho baseados no volume médio de entrada de café, por cooperativa, no período 1973-75, que são:

- Estrato I: até 100.000 sacas coco;
- Estrato II: de 100.001 a 200.000 sacas coco; e
- Estrato III: mais de 200.000 sacas coco.

Na apresentação dos resultados por estrato de tamanho, procurou-se abordar as principais características desse tipo de estabelecimento, considerando-se como indicadores, a estrutura de distribuição, tradicionalidade, filiação, quadro associativo, capital social, linha de produtos e de serviços e receita total, e também os resultados dentro do processo de comercialização, considerando o fluxo de entradas e saídas do produto, as modalidades de distribuição no mercado, os tipos de agentes compradores e mercado de destino.

2 - APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS SEGUNDO OS ESTRATOS DE TAMANHO

2.1 - Características das Cooperativas Seleccionadas

2.1.1 - Estrutura de distribuição

Com base nos grupos de classificação adotados, constatou-se que o

grupo mais numeroso de cooperativas de cafeicultores pertence ao estrato I, representando 50% das unidades consideradas. A seguir aparecem as do estrato II, com 33% das unidades, e as do estrato III, com apenas 17% (quadro 2).

Apesar da concentração numérica de cooperativas nos estratos I e II, é através das cooperativas do estrato III (16%) que se processa a comercialização da maior parte do recebimento total de café (46%).

QUADRO 2 - Distribuição das Cooperativas e Respectiveos Recebimentos Médios de Café, por Estrato, Estado de São Paulo 1973-75

Estrato	Cooperativa		Recebimento		Médio(2/1) sc. coco
	(1)		Total (2)		
	Nº	%	sc.coco	%	
I	9	50,0	473.192	18,7	52.576
II	6	33,4	894.737	35,3	149.122
III	3	16,6	1.164.501	46,0	388.167
Total	18	100,0	2.532.430	100,0	140.690

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

2.1.2 - Tradicionalidade

As cooperativas foram fundadas num intervalo relativamente curto,

que vai desde 1957 - época em que teve início o surto cooperativista do café - até 1966, quando uma série de modificações tributárias iriam influir para o fechamento e dissolução de diversas cooperativas.

As que sobreviveram até o período de análise deste estudo foram fundadas num intervalo de 10 anos, ressaltando-se que nos últimos 11 anos não se registrou a criação de novas cooperativas específicas de café (quadro 3).

No tocante à tradicionalidade, foram consideradas cooperativas tradicionais aquelas fundadas no período inicial, de 1957 a 1960, quando surgiram 11 cooperativas (61% das selecionadas) e cuja idade média é de 17 anos em relação a 1975. As menos tradicionais, fundadas entre 1961 e 1966, formam um grupo de 7 cooperativas, (39% das selecionadas), com idade média de 12 anos. Pode-se constatar, ainda que as cooperativas pertencentes aos estratos I e II tiveram fundação mais concentrada no primeiro período, respectivamente, de 56% e 83%, enquanto que para as cooperativas do estrato III, cujo potencial de recebimento de café é bem maior, verificou-se que 67% das mesmas foram fundadas no segundo período.

2.1.3 - Distribuição do quadro social

As cooperativas pesquisadas contaram com um quadro social da ordem de 12.871 associados, no período 1973-75, correspondendo a 18,7% do número de produtores de café ⁽²⁾ no Estado de São Paulo. Sob o aspecto evolutivo, a expansão do quadro social entre 1973 e 1975 foi de 7,0%, índice relativamente baixo quando comparado à série histórica (quadro 4).

Observou-se, para todos os estratos, um maior afluxo de associados às cooperativas no ano de 1974, quando houve uma ampliação no quadro social de 5,0%.

No entanto, nem todos os associados estão efetivamente comprometidos com sua cooperativa. Na realidade, somente 65% dos associados são ativos, ou seja, entregam sua produção ou parte dela, prestação de serviços e vendas ou adquirem os insumos necessários através da estrutura cooperativa. Nos quadros 4 e 5, constata-se que o índice de crescimento dos associados ativos foi superior ao índice de expansão do quadro social (7,0%), tendo al

⁽²⁾ Dados estatísticos do Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 3 - Distribuição do Número de Cooperativas de Cafeicultores pelos Anos de Fundação, por Estrato, Estado de São Paulo, 1957-66

Estrato	Frequência	Ano de fundação											
		1º período					2º período						
		Cooperativas mais tradicionais					Cooperativas menos tradicionais						
	1957	1958	1959	1960	Total	1961	1962	1963	1964	1965	1966	Total	
I	9	1	1	3	-	5	-	1	-	1	1	1	4
II	6	-	-	2	3	5	-	-	-	-	-	1	1
III	3	-	-	-	1	1	1	1	-	-	-	-	2
Total	18	1	1	5	4	11	1	2	-	1	1	2	7

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 4 - Distribuição, Evolução Anual e Média do Número de Associados das Cooperativas, por Estrato, Estado de São Paulo, 1973-75

Classificação	Nº de associados					Média de assoc. por cooperativa	Evolução		
	1973	1974	1975	média 1973-75	%		1973	1974	1975
Estrato									
I	4.597	4.767	4.739	4.701	36,5	522	100	104	103
II	5.527	5.794	6.013	5.779	44,9	963	100	105	109
III	2.294	2.406	2.476	2.391	18,6	797	100	105	108
Total	12.418	12.967	13.228	12.871	100,0	715	100	105	107

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

cançado em 1975 um incremento de 23% em relação ao ano base de 1973.

A distribuição dos associados ativos apresenta maior concentração nas cooperativas dos estratos II e III, onde mais de 65% dos associados são ativos (quadro 5). Quanto ao número de associados, constatou-se o destaque das cooperativas do estrato II com uma representatividade de cerca de 45%, maior evolução do quadro social (9%) e do número de associados ativos (38%); e maior média de associados ativos por cooperativa, 671 associados para a média geral de 465 (quadros 4 e 5).

2.1.4 - Filiação às cooperativas centrais

As Cooperativas Centrais, também chamadas de cooperativas de segundo grau, são estabelecimentos com área de ação que se estende a mais de um Estado e que, em geral, se propõem a atuar em maior escala do que as de primeiro grau, serviços, processamento de produtos e na comercialização.

Constata-se que 61%, ou seja, 11 dos estabelecimentos considerados são filiados às seguintes Cooperativas Centrais: Agrária da Alta Paulista (4), Cafeicultores da Região de Mogiana (5), Campinas (1) e Brasil Rural (1) (quadro 6).

Entretanto, todo o movimento de comercialização do produto através das centrais tem-se restringido às filiadas à Central Agrária da Alta Paulista, as quais pertencem ao estrato II e III. No período 1973-75, destinou-se à esta Central 30% do volume total comercializado pelos estabelecimentos entrevistados, ou seja, o equivalente a 171.712 sacas de café beneficiado. As filiadas às demais centrais não entregaram sua produção para ser comercializada através destas, mas sim para outras categorias de intermediários.

2.1.5 - Linha de produto

A característica principal das Cooperativas de Cafeicultores é a predominância do café em suas atividades, razão pela qual são denominadas específicas. Entretanto, esta pesquisa indicou que sete cooperativas específicas (38,9%) também trabalham com outros produtos, a saber: milho, arroz, trigo, soja e feijão, sendo mais frequentes milho e arroz (quadro 7).

QUADRO 5 - Distribuição, Evolução Anual e Média do Número de Associados Ativos das Cooperativas, por Estrato, Estado de São Paulo, 1973-75

Classificação	Nº de associados ativos					% de assoc. ativo s/nº total	Média de as soc. ativo por cooperat.	Evolução		
	1973	1974	1975	Média 1973-75	%			1973	1974	1975
Estrato										
I	2.585	2.661	2.961	2.737	32,7	58,2	304	100	103	115
II	3.393	4.017	4.673	4.027	48,1	69,7	671	100	118	138,13%
III	1.550	1.654	1.611	1.604	19,2	67,1	535	100	107	104
Total	7.528	8.332	9.245	8.368	100,0	65,0	465	100	111	123

Fonte Instituto de Economia Agrícola.

-10-

QUADRO 6 - Distribuição do Número de Estabelecimentos Filiados às Cooperativas Centrais, por Estrato, Estado de São Paulo, 1977

Estrato	Cooperativas	Estabelecimentos filiados às centrais				Total	Filiados (%)
		Agrária da Alta Paulista	Mogiana	Campinas	Brasil Rural		
I	9	-	3	1	1	5	55,6
II	6	2	1	-	-	3	50,0
III	3	2	1	-	-	3	100,0
Total	18	4	5	1	1	11	61,1

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

2.1.6 - Linha de serviços para comercialização

As atividades que envolvem o processamento do café, desde a sua entrada na cooperativa até a sua colocação no mercado, foram consideradas em termos de suas respectivas freqüências.

Desta forma, obteve-se que das 18 cooperativas pesquisadas 94,4% atuam como intermediárias nas vendas dos associados, 83,3% possuem máquinas que prestam serviços de benefício e 66,6% possuem máquinas de rebenefício e padronização (quadro 8).

A nível de estrato, constatou-se que quanto maior o volume de café captado pela cooperativa, mais completa foi a linha de serviços oferecida aos associados para processamento do café e intermediação nas vendas para colocação do produto no mercado.

2.1.7 - Capital social

Procurando avaliar o compromisso dos associados para com as cooperativas e conhecer o nível de investimento realizado por estes para a capitalização das mesmas, foram analisados os resultados obtidos, por estrato, para o capital subscrito e para o capital integralizado dos estabelecimentos estudados.

A verificação da participação do capital integralizado no subscrito permite obter uma indicação de como está sendo realizado o compromisso assumido pelo associado em relação à capitalização da cooperativa. Os resultados refletem que no decorrer do período 1973-75, de modo geral, as cooperativas aumentaram a parcela do capital integralizado, cabendo ao estrato III o maior índice de crescimento (quadro 9).

É curioso observar que as cooperativas do estrato I apresentaram o maior grau de capitalização, embora tenham recebido menor volume da produção de seus associados, enquanto as do estrato II, que absorveram e comercializaram maior parcela de produção, apresentaram menor nível de investimento dos seus associados para sua capitalização (quadro 10).

Tal comportamento reflete que as cooperativas do estrato II não dependem do capital de seus associados para se manter e comercializar, uma vez que os resultados demonstram ser bastante significativa a sua atuação na

QUADRO 7 - Linha de Produtos, por Freqüência, das Cooperativas, Estado de São Paulo, 1973-75

Estrato	Total de cooperativas (1)	Coop. que comercia lizam com outros produtos		Linha de produto				
		(2)	% (2/1)	Milho	Arroz	Trigo	Soja	Feijão
I	9	4	44,4	3	2	1	1	-
II	6	1	16,7	1	1	-	-	-
III	3	2	66,7	1	1	1	1	1
Total	18	7	38,9	5	4	2	2	1

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 8 - Freqüência das Atividades Envolvidas no Processamento de Café para Comercialização, nas Cooperativas Seleccionadas, Estado de São Paulo, 1973-75

Estrato	Freqüência	Atividade principal					
		Benefício		Rebenefício e padronização		Intermediação nas vendas	
		Nº de coop.	%	Nº de coop.	%	Nº de coop.	%
I	9	7	77,8	4	44,4	8	88,9
II	6	5	83,3	5	83,3	6	100,0
III	3	3	100,0	3	100,0	3	100,0
Total	18	15	83,3	12	66,6	17	94,4

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 9 - Distribuição do Capital Social Subscrito e Integralizado nas Cooperativas de Cafeicultores, por Estrato, Estado de São Paulo, 1973-75

Classificação	Capital social								
	1973			1974			1975		
	Subscrito(A) (Cr\$1.000)	Integralizado(B) (Cr\$1.000)	B/A (%)	Subscrito(A) (Cr\$1.000)	Integralizado (B) (Cr\$1.000)	B/A (%)	Subscrito(A) (Cr1.000)	Integralizado (B) (Cr\$1.000)	B/A (%)
Estrato									
I	1.747.884	1.490.951	85,3	4.981.292	4.863.671	97,6	6.209.081	6.066.237	97,7
II (1)	754.256	713.465	94,6	1.120.759	816.816	72,9	1.289.152	995.845	77,2
III	1.110.545	884.522	79,6	2.047.236	1.831.008	89,4	3.578.822	3.349.404	93,6
Total	3.612.685	3.088.938	85,5	8.149.287	7.511.495	92,2	11.077.055	10.411.486	94,0

(1) No Estrato II deixou de ser considerada uma cooperativa.

-13-

QUADRO 10 - Distribuição do Capital Social Subscrito e Integralizado, por Associado e por Estabelecimento, nas Cooperativas de Cafeicultores, por Estrato, Estado de São Paulo, 1975

(em Cr\$1.000)

Classificação	Associados (nº)	Subscrito			Integralizado		
		Total	Por associado	Por cooperativa	Total	Por associado	Por cooperativa
Estrato							
I	4.739	6.209.081	1.310	689.898	6.066.237	1.280	674.026
II (1)	1.804	1.289.152	715	257.830	995.845	552	199.169
III	2.476	3.578.822	1.445	1.192.940	3.349.404	1.352	1.116.468
Total	9.019	11.077.055	1.228	651.591	10.411.486	1.154	612.440

(1) No Estrato II deixou de ser considerada uma cooperativa.

Fonte: Estatutos das cooperativas e Balanço Anual das Cooperativas 9 (2).

captação e comercialização do café.

2.1.8 - Receita total

Considerando a receita total das cooperativas como indicador implícito do volume de operações que realizam e, portanto, do seu desempenho geral, foram analisadas receitas médias por cooperativa e por associado, para cada estrato.

Essas médias refletem a menor alocação de receita para os associados dos grupos I e II, com diferenças significativas para com os associados do grupo III. Ainda que a natureza dos dados não permita inferir resultados financeiros por associado, os valores apresentam ser um reflexo do volume médio de operações por associado, levando a crer que no quadro social das cooperativas do estrato III, os produtores geram receitas bem superiores às dos outros estratos. Tal não se verificou junto às demais cooperativas, particularmente as do estrato I (quadro 11).

2.2 - Fluxo de Comercialização

2.2.1 - Volume de café entrado nas cooperativas

GOLDENBERG et alli (5), a partir de dados fornecidos pelos produtores, constatou que 53% do volume médio das safras cafeeiras de 1974/75 e 1975/76 foram absorvidos pelos seguintes intermediários: maquinistas (77,8%), cooperativas (8,2%), IBC (0,8%) e outros (13,2%).

Ao se considerar os dados fornecidos pelas cooperativas, referentes às mesmas safras, embora o período considerado seja de janeiro a dezembro, observa-se que as cooperativas conseguiram captar efetivamente 10,4%, ou seja, o equivalente a um volume médio de 2.532.430 sc.coco da produção paulista deste período. Entretanto, quando o produto entra na cooperativa, esta desempenha diversas atividades referentes à preparação para posterior distribuição, e não comercializa necessariamente todo café que recebe de seus associados. De fato, apurou-se nos resultados desta pesquisa que, do total cap

QUADRO 11 - Distribuição da Receita Total e Média das Cooperativas de Cafeicultores, por Cooperativa por Associação por Estrato, Estado de São Paulo, 1975

Estrato	Cooperativas (Nº)	Receita total (Cr\$1.000)	Média por estabelecimento (Cr\$1.000)	Média por associado (Cr\$1.000)	Total de associados (Nº)
I	9	17.715.936	1.968.437	3.738	4.739
II (1)	5	11.472.033	2.294.407	6.359	1.804
III	3	47.620.172	15.873.391	19.233	2.476
Total	17	76.808.141	4.518.126	8.516	9.019

(1) No estrato II deixou de ser considerada uma cooperativa.

Fonte: Estatutos e Balanço Anual das Cooperativas (3) e (2).

tado, somente 1.714.884 sc.coco foram comercializadas, ou seja, o equivalente a 7,1% da produção paulista (quadro 12).

De acordo com dados estatísticos do Instituto de Economia Agrícola, o número médio de produtores de café (informantes cadastrados), no período de 1973-75, foi de 68.926. As cooperativas selecionadas, neste mesmo período, apresentaram um número aproximado de 12.871 associados, o equivalente à cerca de 18,7% do número médio de produtores. Entretanto, cabe ressaltar que nesta porcentagem estão incluídos os associados ativos e inativos.

Considerando-se como ativos os que entregaram produção à cooperativa, tem-se um total de 8.368 associados participantes, ou seja, 65% do global de associados.

Assim sendo, a absorção da cooperativa, em termos do número de produtores paulistas, diminuiria e passaria a ser 12,1% (quadro 13).

QUADRO 12 - Volume Médio de Café Recebido pelas Cooperativas e Produção, Estado de São Paulo 1973-75

(em sc. coco)			
Ano	Produção (A)	Recebimento (B)	Relação (B/A) %
1973	21.617.156	2.234.399	10,3
1974	29.674.193	2.652.001	8,9
1975	21.413.378	2.710.887	12,7
Média	24.234.909	2.532.430	10,4

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 13 - Participação dos Produtores Paulistas nas Cooperativas de Cafeicultores, Estado de São Paulo 1973-75

Safra	Produtor paulista (A)	Associado registrado (B)	Relação B/A	Associado ativo (C)	Relação	
					C/B	C/A
1973/74	70.425	12.418	17,6	7.528	60,6	10,7
1974/75	73.455	12.967	17,7	8.332	64,3	11,3
1975/76	62.897	13.228	21,0	9.245	69,9	14,7
Média	68.926	12.871	18,7	8.368	65,0	12,1

Fonte: Instituto de Economia Agrícola e Estatutos das Cooperativas (3)

Ao se relacionar o número médio de associados ativos com o volume médio de café entrado nas cooperativas específicas, por estrato, obtêm-se o volume médio de café entregue por associado (quadro 14). Da análise do quadro, nota-se a existência de um intervalo muito amplo entre os resultados médios obtidos por associado, nos estratos I e II e o III.

Procurando situar melhor a participação das cooperativas selecionadas, no Estado, foram comparados os dados obtidos nesta pesquisa com trabalho do Instituto de Economia Agrícola (5) que fornece a média de produção estadual por propriedade, correspondente a 352 sc.coco no período 1973-75.

Portanto, os volumes médios de café entregues por associado, nas cooperativas dos estratos I e II, foram cerca de 51% e 37% inferior à média de produção estadual por propriedade, enquanto que a média do estrato III atingiu cerca de 206% da média estadual.

QUADRO 14 - Volume Médio de Entrega por Associado, por Estrato, Estado de São Paulo, 1973-75

(em sc. coco)

Estrato	Café captado pelas cooperativas		Resultado por associado	
	sc. coco	%	Assoc. ativo (Nº)	Volume médio por assoc. (sc.coco)
I	473.192	18,7	2.737	173
II	894.737	35,3	4.027	222
III	1.164.501	46,0	1.604	726
Total	2.532.430	100,0	8.368	303

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

2.2.2 - Volume de café saído por agente receptor.

Um dos objetivos das cooperativas de produtores, na comercialização, é procurar colocar a produção de seus associados pelo melhor preço, propondo-se a substituir o intermediário com vantagens para o produtor.

Oteve-se, como resultado da pesquisa, que das 844.143 sacas beneficiadas entradas nas cooperativas ⁽³⁾, foram comercializadas 571.629 sacas, que equivalem a cerca de 67% do volume total entrado e a 7% da safra paulista. Pode-se observar que as cooperativas pertencentes aos três estratos considerados mantiveram, aproximadamente, a mesma proporção de volume comercializado em relação ao volume entrado (quadro 15).

⁽³⁾ Considerando-se que o café vendido é todo beneficiado, transformou-se todos os dados em sacas de café beneficiado, calculando-se um rendimento médio de 20kg por saca coco de 40kg.

QUADRO 15 - Relação entre o Volume Comercializado de Cafê pelas Cooperativas Seleccionadas e o Volume de Entradas, Estado de São Paulo, Média 1973-75

(sacas beneficiadas de 60kg)

Estrato	Volume de entrada (A)	Volume saído para comercialização (B)	Relação B/A (%)
I	157.730	105.636	67,0
II	298.247	206.678	69,3
III	388.166	259.315	66,8
Total	844.143	571.629	67,7

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

Quanto às 272.515 sacas beneficiadas restantes, parte ficou estocada nas cooperativas para posterior comercialização e uma pequena parcela retornou aos proprietários.

Um dos grandes problemas das cooperativas específicas de cafê tem sido a falta de integração horizontal na comercialização do produto (8). Talvez por falta de estruturas adequadas ou do "know how" necessário para a colocação do produto diretamente no mercado, a cooperativa possibilita a penetração de intermediários nesta parte do canal de comercialização. Os resultados desta pesquisa revelam que o cafê que saiu da cooperativa para ser comercializado, no período 1973-75, foi absorvido pelos seguintes agentes receptores, com suas respectivas participações: firmas de exportação (32,29%), cooperativa central (30,04%), negociantes sediados no porto (9,15%), negociante do interior (10,86%), indústria de torrefação (2,83%) e outros não identificados (14,81%).

A venda do cafê para as firmas de exportação foi considerada como comercialização do produto com uma intermediação, uma vez que estas firmas colocam o produto no mercado, pronto para ser embarcado ou para chegar aos consumidores internos (quadro 16).

Quando a cooperativa vendeu o café para o negociante do porto, negociante do interior ou cooperativa central, que captaram cerca de 50% das vendas das cooperativas selecionadas, foi considerado comércio com mais de uma intermediação, já que estes intermediários realizam provavelmente uma ou mais operações antes de colocar o produto no mercado.

Somente nas vendas destinadas à indústria de torrefação, é que se pode afirmar que a cooperativa comercializou diretamente, sem intermediários.

Devido à organização de vendas das cooperativas, que não tona conhecimento do destino do café após a entrega do produto aos mencionados intermediários, torna-se difícil obter dados referentes ao volume de café que se destina ao mercado externo ou interno. Entretanto, a partir da análise do tipo de intermediário que trabalha com a cooperativa, pôde-se chegar a uma avaliação aproximada do volume que se destina a esses mercados (quadro 17). Desta forma, apurou-se que do volume de café que se destina para as cooperativas centrais, cerca de 30% do total, 27% se destinam para o mercado interno e apenas 3% para o externo.

De acordo com informações oficiais, pressupõe-se que o grosso do volume de café adquirido pelas firmas de exportação e pelos negociantes do porto, que é equivalente a, respectivamente, 32,29% e 9,15% do volume comercializado pelas cooperativas de café, se dirige para o mercado externo.

O café adquirido pela indústria de torrefação (2,83%) e pelos negociantes do interior (10,86%) se dirige para o mercado interno.

Portanto, partindo dessas informações, tem-se que 43% do volume efetivamente comercializado pelas cooperativas selecionadas destina-se ao mercado externo, 41% ao interno e 15% não foi identificado.

2.3 - Modalidades de Entrada e Saída do Café

As atividades das cooperativas de cafeicultores estão, em parte, dimensionadas pelo volume de café e pelas condições em que se encontra quando entra na cooperativa e, em parte, pela modalidade de saída de produto. A análise quantitativa dos dados quanto à entrada e saída do café será uma forma indireta de avaliação da atuação da cooperativa na prestação de serviços e na comercialização.

QUADRO 16 - Tipos de Intermediários Envolvidos na Comercialização de Café Através das Cooperativas Específicas, Estado de São Paulo, Média 1973-75

Estrato	Volume médio comerc.	Venda com 1 intermediário		Venda com mais de 1 intermediário						Venda sem intermediário		Outros não identificados	
		Firmas export.	%	Negocian. no porto	%	Negocian. no interior	%	Coop. Central	%	Indústria de torrefação	%	Nº	%
I	105.636	68.223	64,58	-	-	22.278	21,08	-	-	8.075	7,64	7.060	6,68
II	206.678	44.897	21,72	52.349	25,32	18.014	8,71	77.596	37,54	6.192	2,99	7.630	3,69
III	259.315	71.471	27,56	-	-	21.793	8,40	94.116	36,29	1.946	0,75	69.989	26,98
Total	571.629	184.591	32,29	52.349	9,15	62.085	10,86	171.712	30,04	16.213	2,83	84.679	14,81

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

-21-

QUADRO 17 - Volume de Café que se Destina para o Mercado Externo e Mercado Interno, Estado de São Paulo, Média 1973-75 (sacas beneficiadas de 60kg)

Tipo de intermediário	Mercado externo	Mercado interno	Mercado não identificado	Total
Firmas exportadoras	184.591	-	...	184.591
Negociante no porto	52.349	-	...	52.349
Coop. central	17.149	154.563	...	171.712
Negociante no interior	-	62.085	...	62.085
Indústria de torrefação	-	16.213	...	16.213
Não identificado	-	-	84.679	84.679
Total	254.089	232.861	84.679	571.629

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

2.3.1 - Modalidade de entrada do café

Apurou-se que o café recebido pelas cooperativas entrou nas seguintes condições, quanto ao seu estágio de preparação para comercialização⁽⁴⁾: café beneficiado (58,2%), café coco (32,3%) e café beneficiado pela cooperativa na propriedade do associado (9,5%) (quadro 18).

Supõe-se que a maior parte do café beneficiado tenha recebido o benefício nas propriedades dos associados que possuem máquinas de benefício, sendo possível que uma parcela mínima possa ter sido beneficiada por outros intermediários. Esta suposição baseia-se no fato de que o maquinista, tem a sistemática de comprar do produtor o café que vai beneficiar. É pouco provável que o produtor mande processar seu café neste tipo de intermediário e depois o entregue às cooperativas, devido principalmente ao problema de frete do produto.

É interessante notar que, nos resultados por estrato, a maior concentração de entrada de café beneficiado encontra-se nas cooperativas dos estratos II e III, as quais recebem os maiores lotes do produto. Portanto, os associados pertencentes às cooperativas do estrato II e III, por possuírem produções maiores, podem absorver o custo de máquinas de benefício em suas propriedades, limitando o uso dos serviços da cooperativa ao rebenefício, armazenamento e vendas do produto.

Tal procedimento ocorre em menor proporção nas cooperativas do estrato I, nas quais a maior parte do café entra em coco (55,0%). A entrada sob esta modalidade reflete uma maior dependência por parte dos associados quanto à utilização dos serviços de cooperativa.

2.3.2 - Modalidade de saída do café

A cooperativa pode agir como intermediária na venda e, neste caso, atua como agente consignatário, recebendo uma remuneração percentual pré-es-

(4) Para efeito de análise, os dados referentes à entrada de café foram todos transformados em saca coco, considerando-se um rendimento médio de 20kg de café beneficiado por saca de 40kg.

tabelecida pela prestação do serviço, ou como agente de troca, não recebendo remuneração pela venda. A cooperativa que atua como intermediária de vendas funciona como representante do produtor, não adquirindo o produto. Os resultados demonstram que 92,9% do volume médio das saídas são efetuados através de vendas por intermédio da cooperativa. Entretanto, constatou-se maior concentração de vendas através desta modalidade nos estratos que apresentam maior volume de recebimento de café (II e III), fato que reflete o desempenho destas cooperativas, assegurando, no caso, melhores condições no mercado.

Uma segunda modalidade de saída do café, com pequena expressão, é a de vendas diretas pelo associado, verificada somente nas cooperativas do estrato I, correspondendo a 13,5% do volume total de saídas deste estrato. Neste caso, os associados provavelmente conseguiram obter melhores preços dos que os obtidos pela cooperativa para comercialização de seu produto.

A terceira modalidade constatada foi a do café adquirido pela cooperativa, ou seja, a cooperativa tomou posse do produto para depois comercializá-lo. Neste caso, a cooperativa não chega a desempenhar serviços para seus associados. Assim sendo, 12,0% do café são comercializados pelas cooperativas do estrato II (quadro 19). Parte desta situação é característica e constatada pela afirmativa, feita anteriormente, de que as cooperativas do estrato II não dependem de seus sócios para se manter e comercializar.

2.4 - Preços Médios

Considerada como um indicador da eficiência da cooperativa como intermediária de vendas, a comparação entre preço médio anual ⁽⁵⁾ obtido pelos cooperados e o preço médio anual recebido pelos produtores paulistas de café no mesmo período indica que, em 1973 e 1974, os preços médios obtidos pelas cooperativas foram, respectivamente, 1,7% e 4,8% superiores aos preços médios obtidos pelos produtores paulistas, enquanto em 1975 foram 1,8% inferiores. Infere-se, portanto, que as variações entre o preço médio obtido pelo produtor e pelas cooperativas são relativamente pequenas por unidade e que a atuação da cooperativa pode ser considerada satisfatória, uma vez que acompanha os preços obtidos pela média dos produtores paulistas de café (quadros 20 e 21).

⁽⁵⁾ O preço médio anual recebido pela cooperativa foi obtido a partir do valor bruto de venda dividido pelo volume vendido de café informado pelas cooperativas.

QUADRO 18 - Modalidades de Captação Observadas nas Cooperativas, por Estrato, Estado de São Paulo, 1973-75

Estrato	Cafê coco		Cafê já benef.		Cafê benef. pela coop. na propriedade		Total	
	(sc. 40kg)		(sc. 40kg)		(sc. 40kg)		Volume médio de café entrado ⁽¹⁾	
I	260.376	55,0	212.816	45,0	-	-	473.192	18,7
II	323.412	36,1	571.325	63,9	-	-	894.737	35,3
III	233.135	20,0	689.618	59,2	241.748	20,8	1.164.501	46,0
Total	816.923	32,3	1.473.759	58,2	241.748	9,5	2.532.430	100,0

(1) Todo café entrado foi transformado em coco para fins de análise.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 19 - Modalidades de Saída do Cafê das Cooperativas Seleccionadas para Comercialização, Estado de São Paulo, 1973-75

(em sacas beneficiadas de 60kg)

Estrato	Venda por intermédio da cooperativa		Venda direta pelo associado		Cafê adquirido pela cooperativa	
	sc. 60kg	%	sc. 60kg	%	sc. 60kg	%
I	89.533	84,8	14.263	13,5	1.840	1,7
II	182.306	88,1	-	-	24.671	11,9
III	259.315	100,0	-	-	-	-
Total	530.854	92,9	14.263	2,5	26.511	4,6

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 20 - Preços Médios de Venda Obtidos pelas Cooperativas Seleccionadas por Estrato, Estado de São Paulo, 1973-75

(Cr\$/sc.60kg)

Estrato	1973	1974	1975
I	258,85	365,79	573,60
II	278,85	343,64	388,83
III	272,24	341,13	419,49
Média	269,98	350,19	460,64

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 21 - Preços Médios Recebidos pelos Produtores de Café, Estado de São Paulo, 1973-75

(Cr\$/sc.60kg)

Mês	1973	1974	1975
Jan.	228,10	301,40	337,40
Fev.	238,30	312,80	339,40
Mar.	245,30	367,30	333,10
Abr.	249,20	397,10	327,50
Mai.	248,90	368,60	335,10
Jun.	256,20	353,00	376,00
Jul.	276,80	340,50	383,60
Ago.	287,00	322,90	632,50
Set.	286,30	314,30	638,10
Out.	287,70	307,10	640,40
Nov.	291,40	308,70	635,80
Dez.	289,40	315,90	649,40
Média anual	265,38	334,13	469,02

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

Entretanto, na análise a nível de estrato, constatou-se a existência de flutuações maiores, principalmente no ano de 1975 (quadro 20). Neste ano, as cooperativas do estrato I obtiveram preço médio bem superior ao dos outros estratos, provavelmente por terem efetuado a maior parte de suas vendas no segundo semestre, época em que os preços aumentaram muito devido à geadas.

2.5 - Conclusão

Apurou-se que as cooperativas de café, no período 1973-75, absorveram cerca de 2,5 milhões de sacas de café em coco, volume correspondente a 10,4% da produção paulista. O número de associados foi equivalente a 18,7% dos produtores paulistas cadastrados pelo Instituto de Economia Agrícola. Deve-se ressaltar, entretanto, que somente 65% dos associados registrados tiveram uma participação ativa, ou seja, utilizaram efetivamente os serviços da cooperativa. Verificou-se também que o índice de expansão do quadro social foi de 7,0% em 1975 em relação ao ano base de 1973, enquanto que o índice de crescimento dos associados ativos teve um incremento bastante significativo de 23,0%, no período 1973-75.

A distribuição da produção concentrou-se em apenas três cooperativas pertencentes ao estrato III com 46,0% do volume total de café canalizado para as cooperativas, propiciando um volume médio de recebimento de 388.167 sacas em coco. Nos estratos das pequenas (I) e das médias (II) este volume foi de, respectivamente, 52.576 (18,7%) e 145.122 (35,3%) sacas em coco. Considerando-se somente os associados ativos (8.368 associados), observa-se que o estrato III alcançou um resultado médio de entrega de café por associado de 726 sc.coco, volume considerável em relação à média estadual de produção por propriedade (352 saca coco). As médias dos estratos I e II foram de, respectivamente, 173 e 222 sc.coco por associado.

A estrutura de distribuição dos associados concentra-se nas cooperativas do estrato II, com uma representatividade de 44,9% do total de associados.

No tocante à tradicionalidade, as cooperativas foram fundadas num intervalo de 10 anos (1957-66), tendo uma idade média, em relação a 1975, de 17 anos. As cooperativas dos estratos I e II foram consideradas mais tradicionais, uma vez que a maior parte delas foi fundada antes de 1960.

Cerca de 83% das cooperativas possuem máquinas de benefício, 67% máquinas de rebenefício e padronização, e 94% atuam como intermediárias nas vendas dos associados. Observou-se também que quanto maior for o volume de café captado, mais completa é a linha de serviços oferecida pela cooperativa a seus associados.

Constatou-se ainda que 38,9% das cooperativas comercializaram outros produtos, principalmente arroz e milho.

Apesar de 61% das cooperativas serem filiadas às cooperativas centrais, apenas 22% entregam sua produção a estes estabelecimentos, compostos pelas filiadas à Cooperativa Central Agrária da Alta Paulista.

O café entra nas cooperativas sob as seguintes modalidades: beneficiado (58,2%); em coco (32,2%) e beneficiado pela cooperativa na propriedade (9,5%). Ressalte-se que nos estratos II e III, maiores captadores de café, houve maior entrada de café beneficiado.

A comercialização média, em todos os grupos, foi de quase 70% do volume de café entrado nas cooperativas, predominando a modalidade de vendas por intermédio da cooperativa. O café comercializado pelas cooperativas fluiu para os seguintes intermediários: firmas exportadoras (32,30%), cooperativa central (30,04%), negociante no porto (9,15%), negociante no interior (10,86%), indústria de torrefação (2,83%) e outros não identificados (14,81%).

Como os preços médios de vendas obtidos pelos cooperados equiparam-se aos preços médios obtidos pelo produtor paulista, pode-se considerar a atuação das cooperativas na comercialização do café como satisfatória no período estudado, fato este reforçado pelo aumento de 23% no número de associados ativos. Constatou-se também que as cooperativas de cada estrato apresentam características próprias de atuação e que existe acentuada concentração da produção nas cooperativas do estrato III, que representam apenas 18,6% dos associados e absorvem 64,0% da produção que se dirige às cooperativas.

3 - APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS SEGUNDO AS REGIÕES AGRÍCOLAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

Como complementação do presente trabalho, procura-se, a seguir, de terminar a importância, a organização e o desempenho das cooperativas de cafeicultores no processo de comercialização a nível regional, utilizando-se, para tanto, das informações fornecidas pelas 18 cooperativas que foram objeto de investigação e que representam a quase totalidade dos estabelecimentos em atividade no período 1973-75.

Consideraram-se as cooperativas como sendo associações com fins predominantemente econômicos no suprimento, a seus membros, de bens e serviços, sendo encaradas nos moldes dos estabelecimentos comerciais, em que eficiência operacional e estratégia de mercado são fatores de relevância para a obtenção de melhores resultados econômicos.

Os resultados indicaram que as 18 cooperativas contavam com um quadro social de 12.871 associados, dos quais apenas 8.368 utilizaram-se de seus serviços no período considerado, canalizando para essas unidades um total de cerca de 2,5 milhões de sacas de café coco em um período em que a produção média do Estado foi da ordem de 24 milhões de sacas ⁽⁶⁾.

Esse volume de operações foi possível com a produção fornecida por 276 localidades distribuídas nas oito maiores regiões produtoras do Estado de São Paulo.

3.1 - Área de Ação das Cooperativas

3.1.1 - Principais aspectos da área

Pelo menos três aspectos merecem atenção especial no que diz respeito ao mercado das cooperativas, todos relacionados com a escolha do mercado alvo (11) ou de atuação, onde os estabelecimentos desenvolvem suas ativi-

⁽⁶⁾ Produção referente às safras 1972/73, 1973/74 e 1974/75.

dades de comercialização. O primeiro é a disponibilidade de produção, uma vez que esta determina as potencialidades da oferta comercializável; o segundo, o volume de adesões (produtores), elemento de aferição das potencialidades do mercado de sócios e da própria vitalidade desses estabelecimentos na adoção de instrumentos eficazes à promoção do desenvolvimento das práticas de comercialização e de prestação de serviços; e o último, relacionado à questão de proximidade (local), que determina as potencialidades operacionais, tendo em vista as condições de acesso ao mercado do produto ou ao produtor, considerando as condições de transporte, armazenamento e coleta do produto.

Face a isto, não se pode negar a importância dos diferentes perfis de oferta no mercado, tanto da ótica do produto, do produtor ou do lugar, motivo pelo qual passa-se a tecer algumas considerações relacionadas com a distribuição regional da produção, número de propriedades cafeeiras, área de ocupação dos imóveis, etc.

A cafeicultura do Estado de São Paulo, desenvolvida em quase setenta mil propriedades, embora disseminadas, apresenta regiões de maior concentração como São José do Rio Preto, Presidente Prudente, Marília e Ribeirão Preto. Em tais circunstâncias, não é exagero supor que os produtores dessas DIRAs coloquem em movimento um grande número de atividades do processo de comercialização.

Como agentes de comercialização, as cooperativas, de um modo geral, canalizam parcela pouco significativa da produção destinada ao comércio. No triênio 1973-75, o total de café destinado a esses estabelecimentos no período de maior movimentação da safra cafeeira, que vai de julho a novembro, foi de somente 8,2% da produção estimada do referido triênio (5), já através de informações das cooperativas, a média anual de café recebido no período considerado foi de 10,4% em relação à produção paulista.

Segundo a informação do produtor (5), a comercialização efetuada pelo sistema cooperativo se dá, principalmente, com base nos cafés procedentes das regiões de Presidente Prudente, São José do Rio Preto e Campinas (75,1%). Os cafés das regiões de Marília e Ribeirão Preto tiveram uma participação bem menor no conjunto geral, 9,6% e 4,0% respectivamente.

Com base na relação entre o total comercializado em cada DIRA e o total produzido, pode-se supor que o maior afluxo relativo dos cafés produzidos nas regiões de Presidente Prudente, São José do Rio Preto e Campinas representa um índice médio de captação da produção regional de 10,4% na primeira, 7,6% na segunda e 14,8% na última. O menor índice foi verificado na região

de Ribeirão Preto, 2,5%.

No que diz respeito à estrutura da oferta, o principal aspecto em São Paulo é o maior significado dos estabelecimentos de tamanho médio e grande, em termos de produção e de número de propriedades. Esses dois grupos, representados por 69,4% e 17,1% dos produtores nos períodos das safras 1972/73 - 1974/75, asseguram a quase totalidade da oferta de produção ao mercado (96,8%) (5). Os pequenos produtores, em número de 13,5%, ofertaram apenas a parcela restante (3,2%).

Contudo, esta estrutura do mercado ofertante quando considerada regionalmente varia, definindo perfis diferentes, ora mais direcionado para o interesse no mercado de produto, ora para o interesse no mercado de produtores. O quadro 22 apresenta a distribuição da produção e do número de propriedades cafeeiras por estrato de tamanho das propriedades, permitindo visualizar o maior contingente de produtores pequenos e médios em Presidente Prudente e São José do Rio Preto. Nestas condições pode-se inferir que cresce substancialmente a importância do mercado de sócios produtores naquelas regiões. Contrariamente, pode-se verificar que nas regiões de Ribeirão Preto, Campinas e Vale do Paraíba, onde um maior volume de produção é ofertado por pequena parcela de produtores, o interesse pelo mercado de produto se faz maior.

Esta diferença revela uma maior ou menor especialização dos produtores nas práticas de comércio, existindo, portanto, no caso das propriedades cafeeiras uma estreita correlação entre o tamanho da propriedade e o grau de especialização. À medida que cresce o tamanho das propriedades, tende a aumentar o grau de especialização do produtor (11).

Outro aspecto de interesse ao mercado, refere-se às médias de produção de cada produtor, uma vez que elas dão uma idéia de tamanho máximo dos lotes que são ofertados ao mercado. A média de produção por propriedade no Estado de São Paulo foi no período 1973-75 de 351,6 sacas de café coco. Os extremos em relação a essa média de produção foram de 496,2 sacas de café por propriedade na região de Presidente Prudente e de 71,4 sacas na região do Vale do Paraíba.

Ao nível das propriedades cafeeiras, a diferença entre essas médias é significativa, à medida que varia o tamanho das propriedades. Para as propriedades médias, grupo mais numeroso, os valores giram em torno da média geral de 351,6, muito embora, nas propriedades pequenas, esses valores possam chegar a 43,4 e nas propriedades maiores a 2.905,3 sacas de café coco.

Quanto às características da oferta em função das áreas de ocupa-

QUADRO 22 - Distribuição Percentual da Produção e do Número de Propriedades com Cafeicultura, por DIRA, Estado de São Paulo, 1974/75

(Continua)

Grupo de área (ha)	São Paulo		Vale do Paraíba		Sorocaba		Campinas	
	Nº estabelecimentos	Produção sc. coco						
Menos de 10	-	-	-	-	-	-	15,9	2,9
10 a menos de 100	75,0	44,9	-	-	83,4	48,5	65,9	22,8
100 a menos de 1.000	25,0	55,1	100,0	100,0	15,0	49,2	17,1	66,8
Mais de 1.000	-	-	-	-	1,6	2,3	1,1	7,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

-31- QUADRO 22 - Distribuição Percentual da Produção e do Número de Propriedades com Cafeicultura, por DIRA, Estado de São Paulo, 1974/75

(Continua)

Grupo de área (ha)	Ribeirão Preto		Bauru		São José do Rio Preto	
	Nº estabelecimentos	Produção sc. coco	Nº estabelecimentos	Produção sc. coco	Nº estabelecimentos	Produção sc. coco
Menos de 10	4,6	0,5	17,7	4,5	8,0	2,3
10 a menos de 100	61,1	29,0	58,5	43,2	76,8	54,3
100 a menos de 1.000	32,3	60,7	22,0	45,2	14,8	38,7
Mais de 1.000	2,0	9,8	1,8	7,1	0,4	4,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 22 - Distribuição Percentual da Produção e do Número de Propriedades com Cafeicultura, por DIRA, Estado de São Paulo, 1974/75

(Conclusão)

Grupo de área (ha)	Araçatuba		Presidente Prudente		Marília	
	Nº estabelecimentos	Produção sc. coco	Nº estabelecimentos	Produção sc. coco	Nº estabelecimentos	Produção sc. coco
Menos de 10	12,6	2,9	22,8	8,6	8,4	2,2
10 a menos de 100	66,6	46,0	71,7	73,5	73,2	46,0
100 a menos de 1.000	19,8	47,9	5,1	16,2	17,3	36,2
Mais de 1.000	1,0	3,2	0,4	1,7	1,1	15,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

ção dos imóveis, os levantamentos efetuados para o mesmo período indicam que as quase setenta mil propriedades cafeeiras ocupam uma extensão de cerca de 4 milhões de hectares. Dentro desse contexto, os espaços maiores eram ocupados pelas propriedades localizadas nas DIRAs de São José do Rio Preto e Ribeirão Preto (49,1%) e os menores pelas de Presidente Prudente e Marília (16,4%).

Estas são indicações que realçam diferenças de ordem operacional dentro do próprio ambiente de atuação das cooperativas, tendo em vista as práticas usuais de comercialização, a exemplo do transporte, beneficiamento e armazenagem. Além disso, deve-se notar que a distribuição da produção não se faz de uma maneira uniforme dentro das DIRAs. Existem áreas onde a produtividade é muito maior, destacando-se entre estas as sub-regiões de Dracena e Adamantina, DIRA de Presidente Prudente; de Marília e Ourinhos, de Marília; de Fernandópolis, São José do Rio Preto e Catanduva, DIRA de São José do Rio Preto; e de Lins, DIRA de Bauru (figura 1).

Com base neste pano de fundo, seguem-se considerações quanto à localização e organização do mercado cooperativo.

3.1.2 - Localização das cooperativas de cafeicultores

O deslocamento da produção de café em direção leste-oeste do Estado (11), com o abandono das plantações nas regiões da Mogiana, Alta Mogiana e Centro, e o plantio nas regiões da Araraquarense, Noroeste, Alta Paulista e Sorocabana, favoreceu a implantação de maior número de cooperativas específicas de café nessas zonas. Nessas regiões obtêm-se, em média, 75% da produção em cerca de 69% das propriedades cafeeiras (5) do Estado. Em vista disso, as antigas regiões produtoras do Estado, Campinas e Ribeirão Preto, que já contavam com um certo número de cooperativas, deixaram de atrair novas unidades, sendo que algumas delas transformaram-se em cooperativas centrais (quadro 6).

A análise da distribuição das cooperativas de cafeicultores segundo as regiões agrícolas do Estado foi abordada sob dois aspectos: | voltada para uma estratégia de localização dos estabelecimentos, e do mercado.

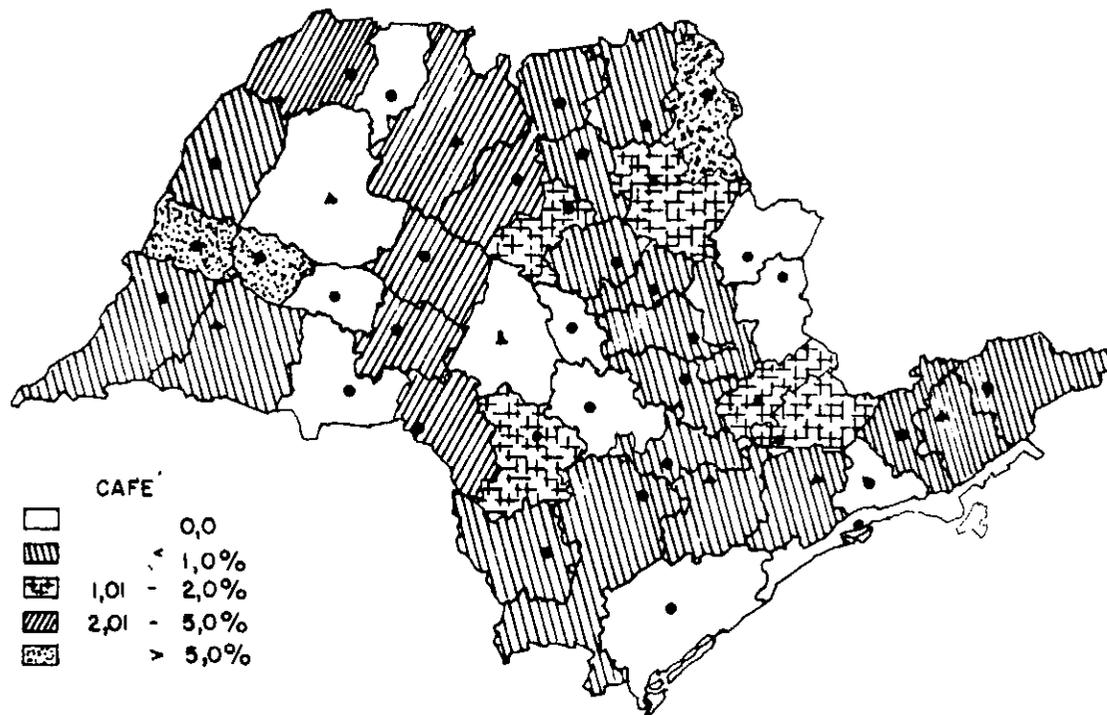


FIGURA 1 - Distribuição Espacial Atual da Cultura de Café no Estado de São Paulo (8).

- Distribuição segundo a localização da sede

Em 1975 foram identificadas 24 unidades distribuídas nas regiões produtoras de café no Estado de São Paulo, entre as quais quatro tiveram suas atividades paralisadas naquele ano por motivo de intervenção, ou de inoperância em razão do não recebimento do café (quadro 23).

A distribuição esclarece que a composição do parque cooperativo da cafeicultura particularmente importante nas DIRAs de São José do Rio Preto e Marília. Situação intermediária estaria na DIRAs de Bauru, Campinas e Presidente Prudente. Nas demais, ele é menos importante, sendo que em Araçatuba a situação é de ausência total.

Por outro lado, foi verificado que um grande número desses estabelecimentos não estão operando, dando sinais de que o parque atual não tem sido amplamente utilizado e que, possivelmente, a composição do parque ativo seria diferente. No entanto, verificou-se que, com base na distribuição das cooperativas operantes, Marília, São José do Rio Preto e Presidente Prudente reúnem as maiores concentrações desses estabelecimentos, cabendo à primeira, função destacada entre as demais.

- Distribuição segundo a localização da área de atuação

A contribuição das 18 cooperativas de cafeicultores no processo de comercialização tem se feito com base em um sistema competitivo, isto porque para este número de unidades foram constatadas 46 presenças ⁽⁷⁾. Como se pode constatar pela relação, número de presenças/número de cooperativas, cada unidade tem contato, em média, em seu território sede, com a concorrência de mais de uma cooperativa, não existindo, portanto, nenhum estabelecimento com ascendência total sobre a área de localização das sedes, ou seja, o número de cooperativas de origem externa ⁽⁸⁾ agindo em outras DIRAs é o que tem pre

⁽⁷⁾ Presença entendida como uma aparição ou atuação nos mercados regionais.

⁽⁸⁾ Cooperativa de origem externa refere-se àquela unidade que possui interesses em outras áreas que não a de localização da sede.

QUADRO 23 - Distribuição das Cooperativas de Cafeicultores no Estado de São Paulo, Segundo a Localização da Sede, 1975

DIRA	Número de estabelecimentos	Percentual
Marília	5	20,8
São José do Rio Preto	5 (1)	20,8
Araçatuba	-	-
Bauru	3 (2)	12,5
Presidente Prudente	3	12,5
Ribeirão Preto	2	8,3
Sorocaba	2	8,3
Campinas	<u>3 (3)</u>	<u>12,5</u>
Subtotal	23	95,7
Outros	1 (4)	4,3
Total	24	100,0

(1) A Coop. de Cafeic. de Fernandópolis não forneceu informação e a Regional da Média Araraquarense não operou com café em 1975.

(2) A Coop. de Cafeic. de Cafelândia não operou com café em 1975.

(3) A Coop. de Cafeic. de São José do Rio Pardo - atividades paralisadas.

(4) A Coop. de Cafeic. da Zona de Bragança - sob intervenção.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

valecido no mercado.

Do exame da distribuição das cooperativas de origem interna e externa, percebe-se, pelo maior número de unidades atuantes, que as cooperativas de cafeicultores, em geral, atribuem um interesse maior aos mercados de Marília, Bauru e Presidente Prudente (quadro 24). Salienta-se, por outro lado, que em termos de mercados externos e área de localização das sedes verifica-se um grande afluxo de estabelecimentos para os mercados de Bauru, Araçatuba e Presidente Prudente, que no caso da região de Araçatuba é explicado pela falta de cooperativas específicas na área. O aspecto interessante a ressaltar é de que maior concentração de unidades na DIRA de Bauru e a menor na região de São José do Rio Preto não são explicadas pelas potencialidades de produção ou de produtores desses mercados, mas possivelmente em razão das vantagens de ordem locacional.

Outro aspecto a ressaltar é de que, em função da ampliação da área de atuação das cooperativas, diminui a participação no número de unidades locais em quase todas as DIRAs, à exceção de Marília e São José do Rio Preto, onde as de origem interna predominam e de Sorocaba, onde os números de internas e de externas se equiparam.

Ainda que o número de estabelecimentos não seja um indicador de desempenho e/ou de condições competitivas no mercado, ele é apenas um meio para expressar interesse em determinada área, interesse este que pode ser ditado por potencialidades de mercado ou pelas condições de desempenho desses estabelecimentos.

3.2 - Resultados

3.2.1 - Organização do mercado segundo a oferta de produção, de produtores e de condições locais

Com base no número de estabelecimentos atuantes ou presentes nas diversas DIRAs, procurou-se identificar os fatores de maior importância na opção das cooperativas para se dedicarem à atividade de prestação de serviços. Como qualquer outra organização empresarial, a perspectiva de bons resultados para os membros da organização é fundamental, parecendo razoável supor que a organização do mercado deva refletir determinado interesse estratégico,

QUADRO 24 - Número de Cooperativas de Cafeicultores Atuantes de Origem Interna e Externa nas Principais Regiões Produtoras de Café do Estado de São Paulo, 1975

DIRA	Nº de cooperativas atuantes			Relação (2/1)
	De origem interna ⁽¹⁾ (1)	De origem externa ⁽²⁾ (2)	Total (3)	
Marília	5	3	8	0,60
São José do Rio Preto	3	2	5	0,66
Araçatuba	-	5	5	-
Bauru	2	7	9	3,50
Presidente Prudente	3	4	7	1,33
Ribeirão Preto	2	3	5	1,50
Sorocaba	1	1	2	1,00
Campinas	2	3	5	1,50
Subtotal	18	28	46	1,56
Outros	-	-	-	-
Total	18	28	46	1,56

(¹) Cooperativa de origem interna refere-se àquela unidade que possui interesse na área da sede.

(²) Cooperativa de origem externa refere-se àquela unidade que possui interesse em outras áreas que não são de localização da sede.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

que a exemplo de outras organizações deva estar baseado em objetivos econômicos (11). Esses objetivos variam de acordo com as tarefas desempenhadas no campo da comercialização, a exemplo das atividades de compra, venda e prestação de serviços. Desse modo, uma estratégia voltada para o mercado de produto tenderá a favorecer uma maior concentração de estabelecimentos junto às regiões de maior potencialidade de oferta de produção.

Da observação do quadro 26, verifica-se que uma organização de mercado voltada para o objetivo produto deveria mostrar maior interesse pelas regiões de São José do Rio Preto, Presidente Prudente, Marília e Ribeirão Preto, que são a aquelas que reúnem o maior potencial de produção no Estado de São Paulo.

Observa-se pelos dados do quadro 25, onde são comparados os volumes de produção regional com o número de estabelecimentos atuantes no mercado, que os níveis superiores de absorção teórica, nas DIRAS de São José do Rio Preto, Presidente Prudente e Sorocaba, e os inferiores, nas regiões de Araçatuba, Bauru e Campinas, indicam o menor esforço dipendido nas primeiras e o menor nas demais, contrariando frontalmente o objetivo de uma estratégia voltada para o potencial da oferta de produção no mercado.

Numa segunda abordagem, tentou-se averiguar a hipótese de uma estratégia voltada para o mercado do produtor, comparando número de propriedades com o número de cooperativas atuantes. Parece óbvio, no caso, que as maiores regiões produtoras provoquem maior participação ou disputa entre as cooperativas por sócios cooperados. Os resultados no caso foram bastante controvertidos e indicam que embora haja grande concentração de produtores nas regiões de São José do Rio Preto e Ribeirão Preto, a participação de número de cooperativas observadas foi comparativamente menos expressiva em relação a Bauru, Araçatuba, Campinas e Marília que à exceção da última, apresentam grandes disparidades quanto ao maior potencial de oferta de produtores ⁽⁹⁾ no mercado (quadro 26).

Aventou-se igualmente a hipótese de uma estratégia determinada por condições operacionais em função da variável lugar, considerando-se que a extensão em área dos imóveis produtores de café seria um bom indicador. Com a introdução dessa variável, verificou-se que a maior dispersão entre as áreas médias por estabelecimento se localize nas regiões de São José do Rio Preto e Ribeirão Preto, onde estariam reunidos os maiores espaços ocupados pelas

⁽⁹⁾ O número de propriedades foi considerado como sendo o único indicador disponível de número de produtores.

QUADRO 25 - Organização do Mercado Segundo a Oferta de Produção de Café nas Principais Regiões Produtoras do Estado de São Paulo, 1973-75

DIRA	Número de cooperativas presentes em cada DIRA		Produção média por região		Volume médio de absorção teórica por cooperativa na DIRA	Variação do volume médio de absorção por cooperativa base: 526.845=100 (1)
	nº	%	sc. coco	%		
Marília	8	17,4	4.383.083	18,1	547.885	104,0
São José do Rio Preto	5	10,9	5.518.244	22,7	1.103.649	209,5
Araçatuba	5	10,9	1.409.683	5,8	281.937	53,5
Bauru	9	19,5	2.013.502	8,3	223.722	42,5
Presidente Prudente	7	15,2	4.788.225	19,8	684.032	129,8
Ribeirão Preto	5	10,9	2.545.977	10,5	509.195	96,1
Sorocaba	2	4,3	1.520.092	6,3	760.046	144,3
Campinas	5	10,9	1.820.582	7,5	364.116	69,1
Subtotal	46	100,0	23.999.388	99,0	521.725	99,0
Outros	-	-	235.521	1,0	-	-
Total	46	100,0	24.234.909	100,0	526.845	100,0

(1) Valor referente às diferenças em percentagem para mais ou para menos em relação à média geral observada.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 26 - Organização do Mercado Segundo a Oferta de Produtores Associados nas Principais Regiões Produtoras do Estado de São Paulo, 1975

DIRA	Número de cooperativas presentes em cada DIRA		Propriedades 1973-75		Número médio de apro- priação teórica de pro- priedades por Coopera- tiva nas DIRAS	Variação do número médio de proprieda- des por estabeleci- mento base 1498 = 100 ⁽¹⁾
	Nº	%	Nº	%		
Marília	8	17,4	9.587	13,9	1.109	80,0
São José do Rio Preto	5	10,9	17.871	26,0	3.574	238,5
Araçatuba	5	10,9	5.506	8,0	1.101	73,4
Bauru	9	19,5	5.987	8,7	665	44,3
Presidente Prudente	7	15,2	9.649	14,0	1.378	91,9
Ribeirão Preto	5	10,9	8.631	12,5	1.726	115,2
Sorocaba	2	4,3	4.295	6,2	2.147	143,3
Campinas	5	10,9	6.273	9,1	1.254	83,7
Subtotal	46	100,0	67.809	98,4	1.474	98,3
Outros	-	-	1.117	1,6	-	-
Total	46	100,0	68.926	100,0	1.498	100,0

(¹) Valor referente às diferenças em percentagem para mais ou para menos em relação à média geral observada.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

propriedades cafeeiras. Ocorre, por outro lado, que estes atingem valores mínimos nas regiões de Marília, Bauru, Araçatuba e Campinas, o que é justificável em razão da menor área ocupada pelas propriedades cafeeiras nessas DIRAs. Do ponto de vista da perspectiva de lugar, os resultados referentes à distribuição do número de estabelecimentos atuantes (cooperativas) convergem para a aceitação desta hipótese, tornando evidente a maior complexidade que ganha o movimento cooperativo em áreas do tipo extensivo, em razão das dificuldades de operacionalizar o sistema de apoio à comercialização na prestação dos serviços aos produtores. Em que pese tais dificuldades, as regiões de ocupação menos dispersa exercem forte atrativo e sob este aspecto Marília e Presidente Prudente teriam maior interesse em razão do balanceamento entre as variáveis lugar e produção, considerando que volumes maiores em áreas menores resultam em custos operacionais mais baixos (quadro 27).

3.2.2 - Volume total de entradas de café nas cooperativas nas principais regiões produtoras

O processo de comercialização via cooperativas de cafeicultores no Estado de São Paulo realizou-se, no período 1973-75, em função de um volume de recebimento de cerca de 2,5 milhões sacas de café em coco produzidas por 8.368 produtores. A nível estadual, esse volume de recebimento representou um índice médio de captação, no mercado do produto, de 10% e no mercado do produtor, de 12%.

Não obstante as indicações de origem da produção registrarem a existência de mercados além dos limites regionais, o produto da região representa a principal fonte de suprimento da cooperativa. A participação dos mercados regionais foi das mais significativas, razão porque optou-se pela utilização desse indicador para aferir o menor ou maior apoio oferecido à comercialização do café.

Do ponto de vista do mercado regional do produto, a maior participação dentro do processo de comercialização parece residir junto às regiões de Marília e Sorocaba, onde os estabelecimentos regionais canalizaram aproximadamente 23% do volume da produção. Pouco tem sido a participação nas regiões de São José do Rio Preto, Ribeirão Preto e Presidente Prudente.

Sob o enfoque do apoio à comercialização, a relação entre o número de sócios produtores ativos e cooperados deixa implícito que para as ati

QUADRO 27 - Organização do Mercado Segundo a Área Total dos Imóveis Produtores de Café nas Principais Regiões-
Produtoras do Estado de São Paulo, 1973-75

DIRA	Cooperativa atuante		Área total dos imóveis		Área média por cooperativa	Variação da área do imóvel por estabelecimento base 87904=100 (1)
	Nº	%	Hectare	%		
Marília	8	17,4	273.269	6,8	34.159	38,9
São José do Rio Preto	5	10,9	1.085.132	26,8	217.026	246,9
Araçatuba	5	10,9	348.129	8,6	69.626	79,2
Bauru	9	19,5	320.425	7,9	35.603	40,5
Presidente Prudente	7	15,2	390.164	9,6	55.738	63,4
Ribeirão Preto	5	10,9	900.460	22,3	180.092	204,9
Sorocaba	2	4,3	242.405	6,0	121.203	137,9
Campinas	5	10,9	366.272	9,1	73.254	83,3
Subtotal	46	100,0	3.926.256	97,1	85.353	97,1
Outras	-	-	117.373	2,9	-	-
Total	46	100,0	4.043.629	100,0	87.905	100,0

(1) Valor referente às diferenças em percentagem para mais ou para menos em relação à média geral observada.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

vidades desenvolvidas nas regiões de Ribeirão Preto, Sorocaba, Campinas e Presidente Prudente, o apoio junto ao processo de comercialização foi menor. Baseando-se nesta mesma relação, observa-se que nas regiões de Marília, São José do Rio Preto e Bauru este foi maior em termos dos estabelecimentos visitados e em atividade no período 1973-75 (quadro 28).

3.2.3 - Volume médio de entradas de café por estabelecimento nas principais regiões produtoras

O volume médio de recebimento de café nas cooperativas específicas está grandemente influenciado pela própria estrutura de distribuição do parque cooperativo, que tem nas unidades de pequeno e médio portes, sua maior expressão. O grupo das pequenas cooperativas opera com uma média anual de 52,5 mil sacas de café coco, enquanto que as médias com 149,1 mil sacas de café em coco (quadro 2).

Através das derivações calculadas na relação volume total de recebimento e número de cooperativas-sede por DIRA, pode-se constatar, em função do baixo nível operacional verificado, que em diversas regiões predominam as pequenas unidades (quadro 29).

Comparando-se os resultados obtidos, a nível regional, verifica-se em termos da média geral do Estado que as Cooperativas localizadas nas regiões de Marília e Sorocaba operam a níveis superiores em forma de recebimento de café. As regiões de Ribeirão Preto, São José do Rio Preto e Bauru são as que possuem os estabelecimentos com menores níveis operacionais.

3.2.4 - Número médio de sócios ativos

As relações entre o número de sócios e o número de estabelecimentos pesquisados, apresentadas no quadro 29, dão uma indicação do tamanho dos mercados onde operam, sendo que se observou o número médio de 465 associados por cooperativa.

Da análise desses indicadores, a nível regional, observa-se que na DIRA de São José do Rio Preto, área de maior concentração de propriedades cafeeiras, a média de associados por estabelecimentos foi das mais eleva

QUADRO 28 - Volume de Produção, Recebimento e Número de Estabelecimentos e de Sócios Ativos nas Principais Regiões Produtoras do Estado, 1973-78

DIRA	Volume			Número de		
	Produção (1)	Recebimento (2)	Relação 2/1	Cooperado (3)	Sócio ativo (4)	Relação 4/3
Marília	4.383.083	1.029.930	0,23	9.597	2.143	0,22
São José do Rio Preto	5.518.244	281.415	0,05	17.871	3.553	0,19
Araçatuba	1.409.683	-	-	5.506	-	-
Bauru	2.013.502	182.282	0,09	5.987	723	0,12
Presidente Prudente	4.788.225	310.144	0,06	9.649	950	0,09
Ribeirão Preto	2.545.977	142.172	0,05	8.631	244	0,02
Sorocaba	1.520.092	359.844	0,23	4.295	374	0,08
Campinas	1.820.582	226.642	0,12	6.273	381	0,06
Total	23.999.388	2.532.429	0,10	67.809	8.368	0,12

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 29 - Volume Médio de Entradas de Café por Cooperativa, Número Médio de Sócios Ativos por Estabelecimento e Volume Médio de Entradas de Café por Sócio Produtor nas Cooperativas de Cafeicultores, Estado de São Paulo, 1973-75

DIRA	Nº de cooperativas visitadas	Volume médio de entradas por estabelecimento (sacas coco 40kg) ⁽¹⁾	Número médio de sócios ativos por estabelecimento	Volume médio de entradas por sócios ativos (sacas coco)	Produção média por propriedade no Estado de São Paulo, 1973-75 (sacas coco)
Marília	5	205.986	429	480	456
São José do Rio Preto	3	93.805	1.184	79	308
Araçatuba	-	-	-	-	256
Bauru	2	91.141	361	252	336
Presidente Prudente	3	103.381	317	326	496
Ribeirão Preto	2	71.086	122	582	295
Sorocaba	1	359.844	374	962	353
Campinas	2	113.321	190	596	290
Total	18	140.690	465	302	351

⁽¹⁾ Refere-se à média de recebimento dos 18 estabelecimentos pesquisados.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

das (1.184). Ribeirão Preto, juntamente com Campinas, estaria operando com o menor número de sócios.

3.2.5 - Volume médio de entradas de café por associado

Os dados levantados em campo demonstraram que a oferta média por produto associado às cooperativas de cafeicultores gira em torno das 302 sacas de café em coco, inferior à média de produção por propriedade para o Estado (351 sacas) no período 1973-75 (quadro 29).

O estudo das diferenças entre o volume entregue por associado e a produção por propriedade é importante, na medida em que delinea o perfil da oferta a esses estabelecimentos. Com base em tais diferenças pode-se supor que para as cooperativas sediadas na região de São José de Rio Preto, os pequenos produtores sejam os de maior importância, pois para uma média individual de 79 sacas em coco por associado, se contrapõe uma produção média por propriedade da ordem de 308 sacas. Nota-se, outrossim, que nas cooperativas sediadas nas DIRAs de Sorocaba, Ribeirão Preto, Campinas, os produtores menores participam menos ativamente das operações. A partir dessa idéia inferese, com respeito às regiões de Marília e Bauru, que na primeira a participação de produtores médios é certamente mais expressiva e na segunda a de pequenos.

3.2.6 - Diversificação da área de ação das cooperativas

A análise de distribuição das cooperativas segundo a origem da sede deixa implícito três aspectos fundamentais:

- a) a maior ou menor ampliação da área de mercado como um indicador de desenvolvimento de uma estratégia;
- b) a competição que emerge, em razão da maior presença de estabelecimentos de origem externa, nas regiões; e
- c) o reconhecimento da interferência nos mercados regionais, das cooperativas de origem externa, em maior ou menor grau.

Foi possível detectar a presença de 46 unidades nas oito regiões maiores produtoras, o que caracteriza, na estratégia desses estabelecimentos,

um interesse pela ampliação de mercado. Este interesse pela diversificação, se definido pela relação entre o número de cooperativas de origem externa e o número de cooperativas locais, seria de 1,5, o que equivale dizer que cada cooperativa tem se defrontado com a competição de mais de uma unidade de nos limites do território sede (quadro 24).

Esta relação, quando obtida a nível de cada DIRA, assume proporções maiores na de Bauru, onde as cooperativas locais defrontam-se com mais de três concorrentes, o que faz supor que este mercado seja o mais disputado pelas cooperativas de origem externa (quadro 24, figuras 2 a 9). Do mesmo modo pode-se inferir, ainda, que nas regiões de Marília e São José do Rio Preto, onde é menor a presença de cooperativas de origem externa, a atuação das locais seja maior.

3.2.7 - Área de mercado das cooperativas

Ainda que reconhecendo que a área de mercado é definida por dados quantitativos, na falta desses optou-se pelo uso de dados indicativos da origem da produção que foi destinada às cooperativas pesquisadas. Dentro desta abstração, procurou-se tecer algumas considerações relativas à amplitude ou extensão da área de atuação desses estabelecimentos. São cooperativas que se fazem presentes numa vasta extensão do território paulista, englobando 276 localidades, que reúnem 62% dos municípios no Estado de São Paulo (quadro 31 e 32). A agregação dos diversos locais de origem do café recebido evidencia que a maior área de atuação, em termos da sua extensão, está representada por 26,1% dos municípios da DIRA de São José do Rio Preto, onde as propriedades das cafezeiras ocupam maior extensão; dentro deste mesmo critério, as menores áreas de atuação estariam localizadas nas regiões de Sorocaba e Campinas.

Quanto ao tamanho da área de atuação em localidades de ação isolada e/ou conjunta, os dados constantes do quadro 30, permitem antever que as áreas livres ocupam uma extensão presumivelmente maior de produção representada por 62% das localidades produtoras de café dentro da área de mercado. Esta evidência, no entanto, não pode ser estendida a todas as regiões. Existem regiões, a exemplo de Marília, Bauru e Presidente Prudente, onde os espaços de ação isolada são certamente menores, permitindo inferir que nestas regiões o aspecto de competitividade é da maior relevância. Por outro lado, foi igualmente constatado que as regiões que concentram grandes



FIGURA 2 - Área de Atuação das Cooperativas de Cafeicultores, 4ª Região, Estado de São Paulo, 1971-73.

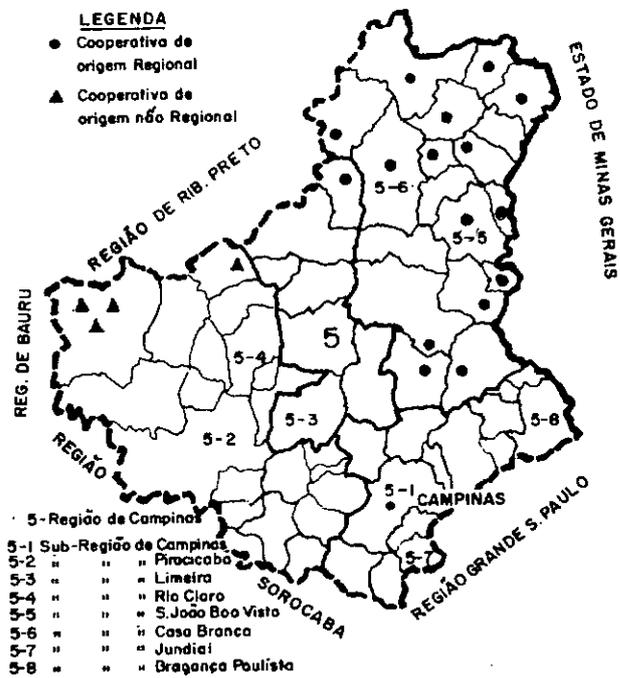


FIGURA 3 - Área de Atuação das Cooperativas de Cafeicultores, 5ª Região, Estado de São Paulo, 1971-73,

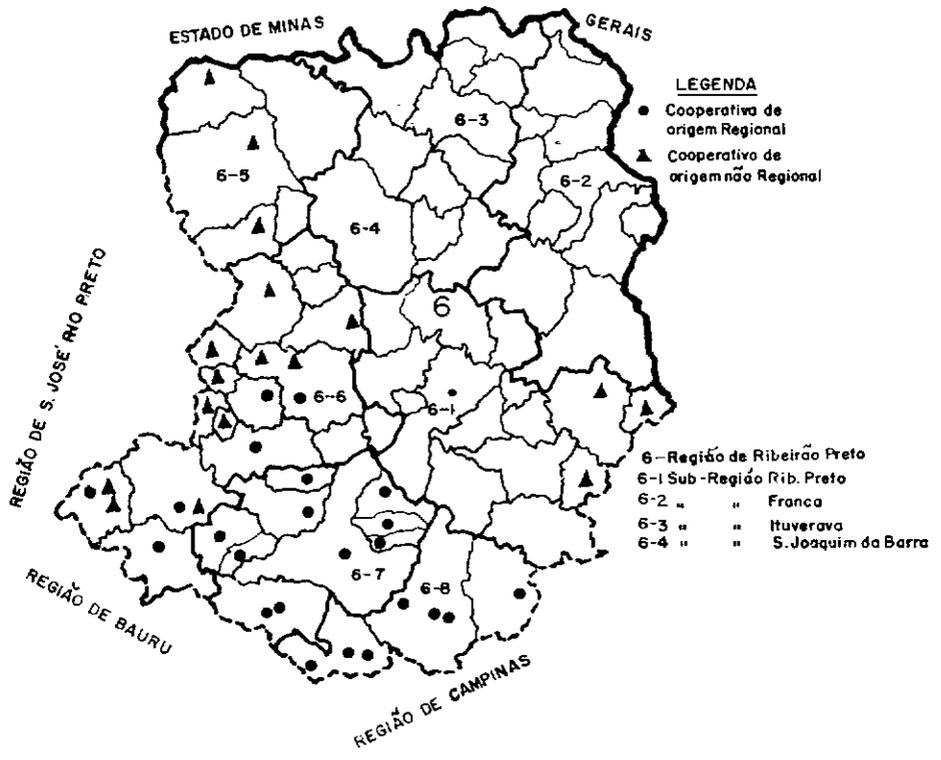


FIGURA 4 - Área de Atuação das Cooperativas de Cafeicultores, 69 Região, Estado de São Paulo, 1971-73.

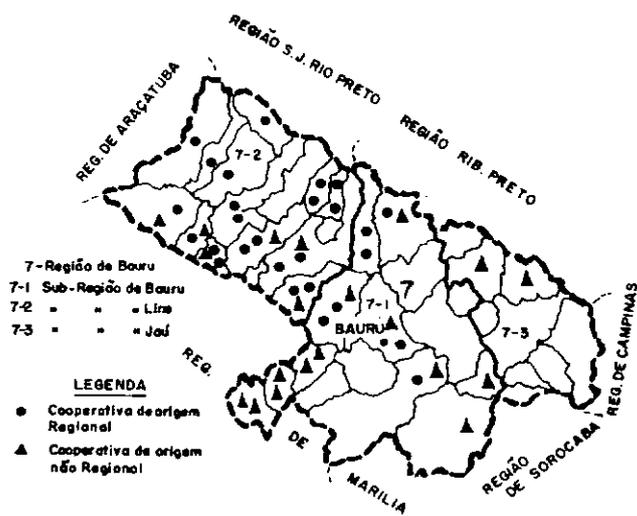


FIGURA 5 - Área de Atuação das Cooperativas de Cafeicultores, 79 Região, Estado de São Paulo, 1971-73.

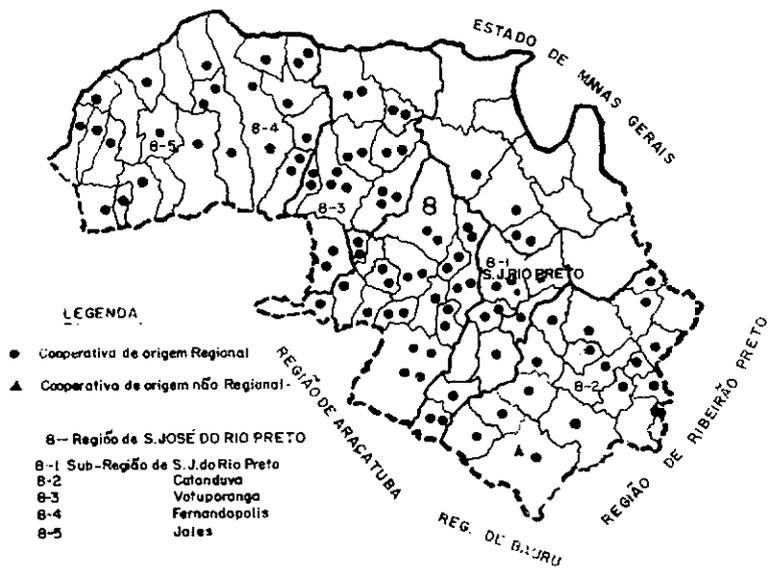


FIGURA 6 - Área de Atuação das Cooperativas de Cafeicultores, 8ª Região, Estado de São Paulo, 1971-73

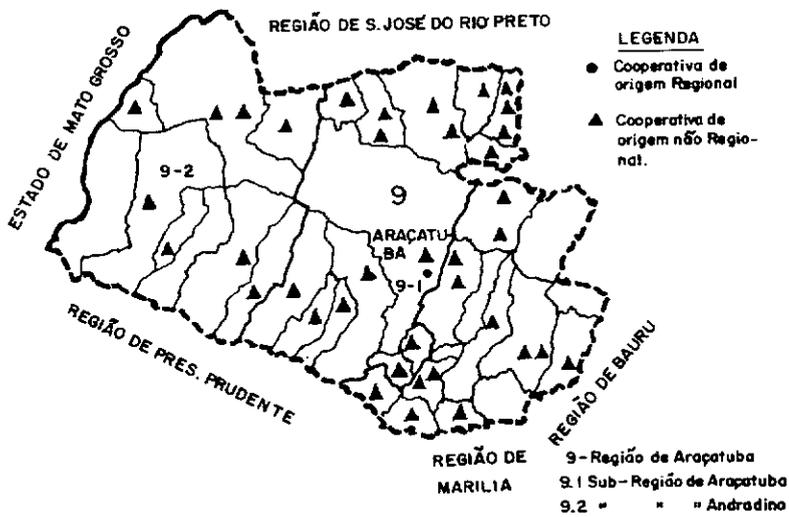


FIGURA 7 - Área de Atuação das Cooperativas de Cafeicultores, 9ª Região, Estado de São Paulo, 1971-73.

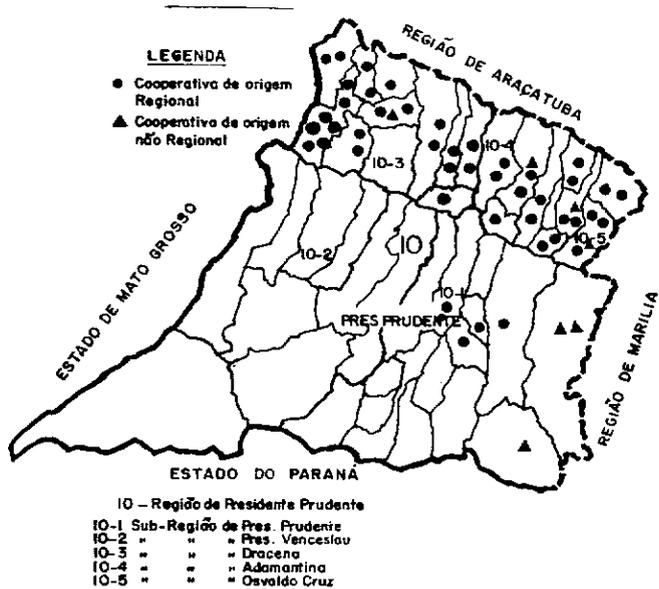


FIGURA 8 - Área de Atuação das Cooperativas de Cafeicultores, 100ª Região, Estado de São Paulo, 1971-73.



FIGURA 9 - Área de Atuação das Cooperativas de Cafeicultores, 119 Região, Estado de São Paulo, 1971-73.

QUADRO 30 - Número de Municípios de Ação Isolada e de Ação Conjunta na Área de Atuação das Cooperativas de Cafei-
cultores do Estado de São Paulo, 1975

DIRA	Número de localidades		Total	Número de municípios		Total (%)
	Área de ação isolada	Área de ação conjunta		Área de ação isolada (%)	Área de ação conjunta (%)	
Marília	17	27	44	38,6	61,4	100,0
São José do Rio Preto	50	23	73	68,5	31,5	100,0
Araçatuba	24	8	32	75,0	25,0	100,0
Bauru	9	18	27	33,3	66,7	100,0
Presidente Prudente	14	16	30	46,7	53,3	100,0
Ribeirão Preto	30	5	35	85,7	14,3	100,0
Sorocaba	10	7	17	58,8	41,2	100,0
Campinas	17	1	18	94,4	5,6	100,0
Total	171	105	276	62,0	38,0	100,0

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 31 - Participação Relativa das Cooperativas Regionais e Não Regionais nos Municípios de Área de Ação Isolada e não Isolada das Cooperativas de Cafeicultores do Estado de São Paulo, 1975

DIRA	Município existente	Nº de municípios de ação isolada (%)			Nº de municípios de ação conjunta (%)			
		Cooperativa regional	Cooperativa não regional	Total	Cooperativa regional	Cooperativa não regional	Cooperativa regional e não regional	Total
Marília	44	71	29	100	78	4	22	100
São José do R.Preto	73	100	-	100	96	-	4	100
Araçatuba	32	-	100	100	-	100	-	100
Bauru	27	44	56	100	28	17	57	100
Pres. Prudente	30	79	21	100	81	-	19	100
Ribeirão Preto	35	50	50	100	60	-	40	100
Sorocaba	17	60	40	100	-	-	100	100
Campinas	18	94	6	100	-	100	-	100
Total	276	67	33	100	61	11	28	100

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 32 - Número de Municípios de Ação Isolada e de Ação Conjunta na Área de Atuação das Cooperativas de Cafei-
cultores no Estado de São Paulo, 1975

DIRA	Município existente	Nº de municípios de ação isolada			Nº de municípios de ação conjunta			
		Cooperativa regional	Cooperativa não regional	Total	Cooperativa regional	Cooperativa não regional	Cooperativa regional e não regional	Total
Marília	44	12	5	17	21	1	6	27
São José do R. Preto	73	50	-	50	22	-	1	23
Araçatuba	32	-	24	24	-	8	-	8
Bauru	27	4	5	9	5	3	10	18
Pres. Prudente	30	11	3	14	13	0	3	16
Ribeirão Preto	35	15	15	30	3	0	2	5
Sorocaba	17	6	4	10	-	-	7	7
Campinas	18	16	1	17	-	1	-	-
Total	276	114	54	171	64	12	29	105

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

áreas de ação conjunta, onde atuam mais de um estabelecimento, a competição é função principalmente das cooperativas de origem local ou regional (quadros 31 e 32).

Obviamente isto envolve dois pontos fundamentais do estudo da área de mercado. O primeiro relaciona-se à maior atuação em função de incorporação de mercados, por parte das cooperativas regionais nas diversas áreas. O segundo relaciona-se aos efeitos da diversificação, indicando que, apesar dos esforços nesse sentido, o processo de estruturação da área de atuação consolidou-se em função do papel desempenhado pelas regionais, as quais incorporaram o maior número de localidades nos dois campos: as de origem regional, com mais de 2/3 das localidades nos dois campos, e as de origem não regional com 33% das localidades pertencentes à área de ação isolada e 11% de ação conjunta. As demais localidades ficam por conta da ação conjunta das cooperativas regionais e não regionais.

3.3 - Resumo e Conclusões

Como unidades de apoio à comercialização, as cooperativas de cafeicultores canalizam ainda parcela pouco significativa do mercado de produto, 10,4%, ou de sócios produtores, 12,4%.

Em termos de localização dos estabelecimentos, deve-se reconhecer que os produtores das DIRAs de Marília e de São José do Rio Preto são os maiores beneficiados pelo sistema, em razão do maior número de unidades localizadas em seus territórios. Numa situação intermediária, estariam os produtores de Bauru, Presidente Prudente e Campinas e de ausência total, os de Araçatuba.

Pelo desenvolvimento das atividades desses estabelecimentos no período 1973-75, nota-se que 20,8% das cooperativas deixaram de receber o produto, por inoperância ou por intervenção, evidenciando que o parque cooperativo atual não tem sido largamente utilizado ou aproveitado. Em razão disso o parque efetivo de apoio à comercialização no período se fez menor. Nesse contexto, as maiores beneficiárias em termos de número de estabelecimentos continuam sendo as DIRAs de Marília, São José do Rio Preto e Presidente Prudente.

Pelo desenvolvimento das atividades desses estabelecimentos, pode-se deduzir, primeiramente, que existe por parte deste forte interesse pelos

mercados das regiões de Bauru, Presidente Prudente, Marília e um menor, pelo de Sorocaba. Este interesse se revela nas regiões de Bauru e Presidente Prudente pela maior presença de cooperativas de origem externa, o que não se verifica em Marília, onde as cooperativas locais dominam em número o mercado. Na maior região cafeeira, São José do Rio Preto, o interesse em participar desse mercado parece ter sido menor. A análise da relação média entre o número de estabelecimentos de origem local e não regional indicou em quase todas as unidades disputa pelos mercados regionais.

O segundo aspecto que suscita indagação é o fato dessas cooperativas estarem presentes em mercados com potencialidades de oferta de produção ou de produtores inadequadas. Os casos mais evidentes estariam ocorrendo nas DIRAs de Bauru e São José do Rio Preto, a primeira por excesso e a segunda por escassez de cooperativas. A explicação plausível parece estar nas diferenças entre as potencialidades da oferta de lugar e os resultados referentes à organização do mercado, segundo a área das propriedades cafeeiras. Nesse sentido, as regiões de Marília e Presidente Prudente justificaram um interesse maior, dado que os volumes maiores de produção em áreas menores resultam em custos operacionais mais baixos, para as cooperativas.

Quanto ao volume operacional, a média de recebimento das unidades pesquisadas foi de 140,6 mil sacas de café em coco, inferior à média dos recebimentos das cooperativas classificadas como de tamanho médio, onde a média foi de 149,1 mil sacas em coco. Contribuiu decisivamente para tal resultado, o grande número de pequenas unidades existentes nas DIRAs de São José do Rio Preto, Bauru e Ribeirão Preto.

Em termos do quadro associativo em atividade, verificou-se que a maioria das cooperativas operam com um total inferior à média de 465 associados, podendo chegar, em alguns casos, a pouco mais de 100 sócios. A grande exceção foi registrada na DIRA de São José do Rio Preto, onde apesar de operarem com uma escala de produção reduzida, o número de associados foi bem superior, da ordem de 1.184 membros: tal constatação vem demonstrar a força do movimento cooperativo entre os pequenos cafeicultores dessa DIRA. Nas DIRAs de Marília, Bauru e Presidente Prudente, tudo leva a crer que as atividades associativistas sejam encabeçadas predominantemente por pequenos e médios produtores. Os grandes produtores parecem assumir particular interesse nas cooperativas sediadas em Campinas, Sorocaba e Ribeirão Preto. Estas diferenças estariam indicando que as atividades desses estabelecimentos têm sido incrementadas com o apoio dos mais diferentes tipos de produtores, com técnicas de produção e de comercialização que variam de modo acentuado.

Quanto à área de atuação das cooperativas, pode-se verificar, pelo desenvolvimento de suas atividades, que é exceção do que decorre nas DIRAs de Marília e São José do Rio Preto, existe uma grande interferência de cooperativas de origem não regional em todas as demais regiões, a qual nem sempre é justificada, quer pelas potencialidades da oferta de produção ou de produtores, mas sim pelas potencialidades de lugar. Estes fatos são comprovados não só pelo grande número de localidades incorporadas à área de mercado, o qual nem sempre se identifica com os espaços de produção mais densa.

Resumindo, as considerações relativas à operacionalização das atividades das cooperativas levam a supor que, em função de uma falta de estratégia de mercado, estas não têm tido a desenvoltura desejada para um parque cooperativo que não é dos mais carentes.

LITERATURA CITADA

1. ANUÁRIO BRASILEIRO COOPERATIVISTA: Estado de São Paulo. São Paulo, Secretaria da Agricultura, DAC, 1961.
2. BALANÇO ANUAL DAS COOPERATIVAS. (Dados extraídos nos autos econômicos arquivados no Departamento de Cooperativismo de São Paulo, 1973/75).
3. ESTATUTOS DAS COOPERATIVAS. (Dados extraídos nos autos econômicos arquivados no Departamento de Cooperativismo de São Paulo, 1973/75).
4. FARCY, H. et alii. O papel das cooperativas na comercialização dos produtos agrícolas. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1967. 215p.

5. GOLDENBERG, I.; GHILARDI, A. A.; TOPEL, R. M. M. Comercialização do café no Estado de São Paulo ao nível do produtor. São Paulo, Secretaria da Agricultura, IEA, 1979. 39p. (Relatório de Pesquisa, 29/79)
6. PINHO, D. B. Cooperativas e desenvolvimento econômico: o cooperativismo na promoção do desenvolvimento econômico do Brasil. São Paulo, FFCL/USP, 1963. 285p. (Boletim 289 - Cadeira de Economia Política e História das Doutrinas Econômicas, 9).
7. SÃO PAULO. SECRETARIA DA AGRICULTURA. Zoneamento agrícola do Estado de São Paulo. São Paulo, 1974. v.1.
8. ————. DAC. Diagnóstico sobre a situação do cooperativismo no Estado de São Paulo. São Paulo, 1977.
9. ————. Relação das cooperativas registradas no DAC, até 31-12-76. São Paulo, 1976. 73p.
10. ————. DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL. A indústria do café em São Paulo. Agricultura em São Paulo, SP 8 (3):5-86, mar. 1961.
11. STEELE, H. L. et alii. Comercialização agrícola. São Paulo, Atlas, 1971. 443p.

RESUMO

Analisa-se, neste relatório, a atuação das cooperativas específicas de café na comercialização do produto no Estado de São Paulo e sua organização de mercado a nível regional, no período 1973-75.

Utilizou-se a população de cooperativas, cadastradas no Departamento de Assistência ao Cooperativismo como sendo específicas de café, dividindo-se em três estratos de acordo com o volume médio da produção de café absorvido por cada estabelecimento.

Entre os resultados mais relevantes têm-se que:

1) A distribuição da produção concentrou-se aproximadamente em 50% nos estabelecimentos considerados grandes (estrato III).

2) As cooperativas consideradas médias (estrato II) obtiveram uma concentração de 45% na distribuição dos associados.

3) Todas as cooperativas foram fundadas num intervalo de 10 anos (1957-66).

4) Apesar da maioria ser filiada às Cooperativas Centrais poucas comercializaram sua produção através destas.

5) Do café que entra nas cooperativas, 58% já vem beneficiado.

6) As cooperativas comercializaram para seus associados cerca de 70% da produção captada.

7) Apurou-se que grande parte das cooperativas está localizada em mercados com potencialidades de oferta de produção ou de produtores inadequadas.

8) Quanto à área de atuação das cooperativas, nota-se uma falta de estratégia de mercado, uma vez que existe grande interferência de cooperativas de origem não regional em todas as demais regiões.

SECRETARIA DA AGRICULTURA
INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA

Comissão Editorial:

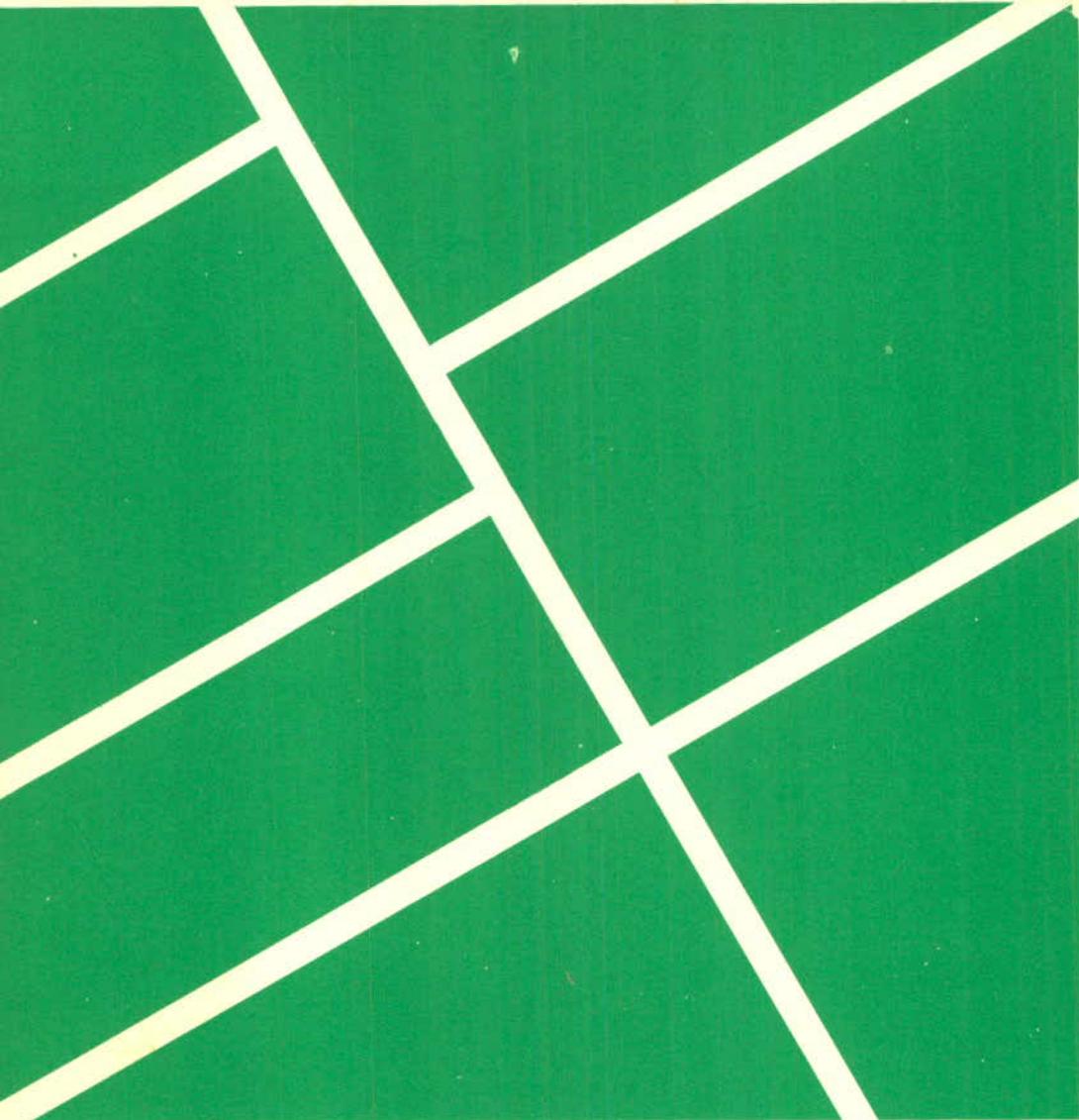
Coordenador: P. D. Criscuolo
Membros: A. A. B. Junqueira
I. F. Pereira
P. F. Bemelmans
P. E. N. de Toledo
F. A. Pino
S. Nogueira Jr.

Centro Estadual da Agricultura
Av. Miguel Estefano, 3900
04301 - São Paulo - SP

Caixa Postal, 8114
01000 - São Paulo - SP
Telefone: 275-3433 R. 259



Impresso no Setor Gráfico do IEA
Av. Miguel Stefano, 3800 - São Paulo - SP



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Agricultura
Instituto de Economia Agrícola

Relatório de Pesquisa
Nº 5/80

CAPA IMPRESSA NA
IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO S.P.A. - IMESP